



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Curso de Formação para Professores Indígenas

Ibuí Souza Nascimento

# Caraíva Velha

A Vila Caraíva como Território Pataxó

Belo Horizonte . MG  
2017

**Ibuí Souza Nascimento**

## Caraíva Velha

A Vila Caraíva como Território Pataxó

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção ao Título de Licenciado em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação Ciências Sociais e Humanidades.

**Professor Orientador:** Pedro Rocha

Belo Horizonte . MG  
2017

*Você sabe de quem você é empregado? É empregado de Deus. Eu sou empregado de Deus. Deus me dá força e à minha comunidade. Hoje, estou por aqui e qualquer hora que um irmão me procurar, eu estou aqui para contar a história velha, antiga.*

*Tururim Pataxó (Fev/2015)*

*Dedico este trabalho a minha Mãe e ao meu Pai, Adalberto Nascimento, filho legítimo do grande sábio e considerado Pajé, antigo de Barra Velha, João Nascimento e Maria Antônia Barreto. Grandes Guerreiros que me inspiraram a conquistar novos horizontes em defesa do meu Povo pataxó.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, por seu estímulo, compreensão, acolhimento, companheirismo, crítica e orientação, as pessoas que fizeram parte neste processo. À minha mãe querida, Maria Lima, minha esposa Saiad Ornela, minha irmã caçula Ariana, meus irmãos e amigos, pessoas fundamentais em todos os sentidos da Vida.

À turma do FIEI, em especial a minha turma das Ciências Sociais e Humanidades 2013 . 2017. Aos meus Professores Pedro Rocha (Orientador), Paulo Maia (Coordenador de curso), Edgar Barbosa, Anna Vencato, Paulo Henrique, Charles Cunha, Deise Cunha, Ana Gomes, Maria Gorete, Junia Salles, Shirley Miranda, Josilei Francisco e Rodrigo Edinilson.

Aos Bolsistas da CSH: Bruno, Paula, Pedro, Ana Carolina, Cíntia, e em especial à Guilherme Marinho, grande figura que me inspirou com sua história de superação. Desejo todo sucesso!

À Carla Folegatti, Karkajú Pataxó, Juarí Pataxó, companheiros de estrada nos trabalhos de gestão Indigenista Pataxó.

Aos que foram meus alunos durante o curso nas pesquisas de intervenção nas Escolas Indígenas em Barra Velha e na Reserva da Jaqueira.

Agradeço aos meus entrevistados, meu tio Tururim, meu pai Adalberto Nascimento, José Ferreira, Antônio Fumo, Oziel Santana, Raimundo José (Caraíva), Maria do Carmo (Caraíva), Lua (Caraíva) e ao meu amigo João Cunha.

Às Aldeias da Jaqueira, Pé do Monte, Boca da Mata, Bugigão, Cassiana, Xandó, e à toda comunidade Pataxó de Barra Velha, de modo especial às lideranças citadas acima, também ao Cacique Romildo e o Pajé Caruncho. Finalmente, agradeço às artesãs Pataxó e aos bugueiros Pataxó de Barra Velha.

## RESUMO

O Trabalho foi desenvolvido a partir da necessidade de trazer para a academia a história dos Pataxó de Barra Velha e moradores antigos da Comunidade de Caraíva. Abordarei memórias de algumas lideranças Pataxó e moradores antigos da Vila, a fim de registrar e ressaltar a importância desta história, que só eles podem contar, pois viveram e sentiram naquela época.

Quero também registrar a luta das lideranças antigas (que hoje são consideradas anciões) pela demarcação das terras pataxó. Conhecer o processo de conquista deste território ajuda a compreender e conscientizar as comunidades que ainda vivem dentro das terras Indígenas sobre a necessidade de lutar para não perder os espaços e a autonomia conquistada. É uma maneira de garantir o respeito e a legitimidade do nosso povo, que por direito originário é dono do Território Pataxó.

Trarei relatos oral de pessoas mais velhas destas comunidades sobre a relação antiga entre nativos de Caraíva e os Pataxó de Barra Velha. Além de trazer em suas falas a defesa da organização e preservação da cultura, costumes e tradições locais, elas nos levarão a perceber a importância de continuar a luta pela garantia daquilo que foi conquistado, mantendo viva a história tanto de Barra Velha quanto de Caraíva, para que as gerações futuras tenham garantido o espaço de onde seus pais e avós sempre viveram.

## **TABELA DE SIGLAS:**

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

FaE: Faculdade de Educação

FIEI: Formação Intercultural para educadores Indígenas

CSH: Ciências Sociais e Humanidades

PNMP: Parque Nacional do Monte Pascoal

AVC: Acidente Vascular Cerebral

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

TI: Território Indígena

IBDF: Instituto Brasileira de Desenvolvimento Florestal

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

MMA: Ministério do Meio Ambiente

ICMBIO: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

FLONIBRA: Empresa de Empreendimentos Florestais S.A. Pertencente Cia, Vale do Rio Doce

SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RESEX: Reserva Extrativista da Marinha

PROECO: Associação de Moradores de Caraíva

CVC: Agência de Viagem . 1972, Sigla proveniente a iniciais do Nome de proprietários da Associação.

ABIPABV: Associação de Bugueiros Indígenas Pataxó da Aldeia Barra Velha

STN: Secretaria do Tesouro Nacional

MJ: Ministério da Justiça

## Sumário

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
TABELA DE SIGLAS:.....	6
Sumário.....	7
Introdução.....	9
Primeira Parte.....	12
1. História Antiga da Aldeia Barra Velha e sua Importância para a afirmação de seu Território.....	13
1.1. Organização dos Pataxó Antigamente.....	18
1.2. Territorialidade para o Povo Pataxó, antes de 1951.....	23
1.3. Resistência e Sustentabilidade.....	27
1.4. O Fogo de 51 e Sua Relação com a Organização Territorial Pataxó.....	30
1.5. Luta e resistência Pataxó e a Criação do Parque Nacional Monte Pascoal.....	38
Segunda Parte.....	47
2: Histórico de Caraíva através da Oralidade dos Anciões Pataxó.....	48
2.1. História de Caraíva: O que os mais antigos lembram.....	50
2.2. Caraíva Velha: Após a Serraria à Vapor do Ano de 1920.....	52
2.3. POSSES DAS TERRAS CARAIVENSES.....	56
2.4. O olhar dos mais antigos sobre o Progresso de Caraíva.....	59
2.4. Situação Atual de Caraíva.....	63
2.5. Caraíva: O Olhar do Nativo para a atualidade.....	64
Considerações finais.....	71
Anexo: Os entrevistados por eles mesmos.....	73
Referências bibliográficas.....	81
Figura 1. O mapa acima mostra o território reivindicado pelos Pataxó, bem como a delimitação do PNMP.....	11
Figura 2. A rua principal da aldeia Barra Velha.....	13
Figura 3. A lagoa de fora. Fonte: <a href="http://www.trancosobrasil.com.br/fotos/AldeiaPataxo.html">www.trancosobrasil.com.br/fotos/AldeiaPataxo.html</a> . Acesso em 11/05/2017.....	18
Figura 4. Recorte de notícia do Jornal da Bahia, edição de 1969, sobre os Pataxó de Barra Velha.....	20
Figura 5. Tarimba pataxó na Reserva Pataxó da Jaqueira.....	22
Figura 6. Registro do Processo Demarcatório - TI Barra Velha MEMO. N° 553DGPI. 23/08/82.....	29
Figura 7. Recorte de jornal sobre o processo de demarcação da TI Barra Velha, de 1982.....	38
Figura 8. Ritual Pataxó na aldeia Pé do Monte. Foto do autor, 2016.....	38
Figura 9. A Comunidade Caraíva em 1970. Acervo pessoal de Maria do Carmo.....	48
Figura 10. Registro do Processo Demarcatório - TI Barra Velha MEMO. N° 553DGPI. 23/08/82.....	49
Figura 11. Escombros da antiga serraria. Acervo pessoal de Maria do Carmo.....	52
Figura 12. Esquema de censo elaborado por Maria do Carmo em 1989.....	56
Figura 13. . Da esquerda para a direita, e de cima para baixo: relatório elaborado em 1985. Caraíva no ano de 1970. Planilha, Senso de famílias 1985. Estrutura da Vila antigamente. Mulheres nativas, lavando em atividade doméstica.....	56



Figura 14. Um dos muitos barqueiros que fazem o traslado de turistas através do rio Caraíva. FONTE: <http://www.ideiasedicas.com/litoral-da-bahia-caraiva/postal-de-caraiva-bahia> ..... 63

## Introdução

Para uma boa leitura desta pesquisa, peço que você sente em frente da varanda de sua casa, numa rede ou em um banco, enfim, no que você tiver no momento. E se você estiver de frente o mar, permita que o vento e a brisa conduzam seus pensamentos, e som que o das águas seja o cântico de sua mente. Agora, se estiver na correria da grande cidade, meu amigo ou amiga, não se apavore! Permita-se a tranquilidade de sua mente para obter o foco. Se for preciso, tome uma água, levante, ande, respire um pouco. Então, você terá espaço em sua mente para compreender uma história que a mais de 80 anos vem sendo vivida.

Este trabalho surge a partir da necessidade de colher maiores informações de nossos livros vivos, que são assim considerados nossos anciões e anciãs das Aldeias Pataxó, em especial, os Pataxó de Barra Velha. A história do Povo Pataxó por muitos anos é passada de geração em geração através da oralidade. Prova disso é a presença de muitas lideranças que hoje ainda trazem através da memória, importantes relatos de ações que não foram registradas por escrito. Portanto, tenho o intuito de colher estes depoimentos de líderes que ainda estão entre nós, que vivenciaram a luta do processo de conquista da Terra Pataxó, em específico o Território Indígena da Aldeia Barra Velha e entorno do Parque Nacional do Monte Pascoal.

O objetivo é deixar marcado, na literatura, a história antiga que fala da relação dos Pataxó de Barra Velha com os moradores da Vila Caraíva, enfocando as mudanças ocorridas após seis décadas, decorrentes do fato de que as pessoas das comunidades vão sendo substituídas pela geração mais nova, e com isso vão sendo alterados o estilo de convívio social, comunitário, etc. Quero abordar as questões territoriais advindas do fato de que a vila está dentro do território tradicional Pataxó, e os desafios de criar uma estrutura em que o diálogo e a parceria das ambas comunidades se concretize de fato.

Analisando essas transformações, trarei informações sobre a história de ambas as comunidades, e também investigarei as mudanças que ocorreram, buscando trazer a relação atual e viabilizando uma maneira das comunidades dialogarem de forma a unificar soluções para que o que for maléfico a ambas as partes, e para que possamos tomar medidas que construam um diálogo social, comunitário, fortalecendo o respeito às especificidades de cada um.

Nas histórias contadas pelos nossos anciões, a vila de Caraíva é conhecida como parte do território Pataxó. A vila está localizada a 80 km da cidade de Porto Seguro, entre o Rio Corumbau e Caraíva, a 06 km de distância da Aldeia Barra Velha, conhecida como a Aldeia Mãe dos Pataxós.

Desde que comecei a acompanhar meu pai, Adalberto Nascimento (conhecido como Beto), em suas atividades da agricultura, pesca, ou em casa ao sentar ao redor de uma fogueira com toda minha família, minha mãe Maria, e meus irmãos, João, Jussemir, Patí, Jara, Jussara, Arajarí, Ariana e Jaciara, além um tanto de outras histórias do meu povo, já ouvia meus pais contarem história da Vila Caraíva. Fui crescendo e conseqüentemente, como filho de um antigo líder e neto de Guerreiros Pataxó, também buscava ainda mais entender a luta do meu Povo.

Por isso, meu intuito é investigar e revitalizar a história da relação entre a Vila e os Pataxó de Barra Velha, buscando meios para que os direitos indígenas, nas especificidades descritas na lei, não sumam de vista. Também quero entender a realidade antiga e atual de Caraíva, em seus aspectos econômico, social, cultural, entre outros, para entender o processo histórico. Quero, enfim, compreender a relação das comunidades supracitadas, e contribuir para o diálogo entre Caraíva e o Povo Pataxó.

O mapa abaixo mostra a área de foco da minha pesquisa:



## **Primeira Parte**

## 1. História Antiga da Aldeia Barra Velha e sua Importância para a afirmação de seu Território

*O nome de Barra Velha, porque a Barra do rio de Corumbau passava beirando aquela lagoa de fora, aí ela saiu ali na praia. Então chegou e colocou o nome de Barra Velha.*

Oziel Santana, entrevista em Agosto de 2016.

Sempre ouvia dos anciões, de meus Tios Tururim, sua jokana<sup>1</sup> Maria Dajuda, Sr. Mané de Ordócia, Dona Orana, Anaídia, Coruja, Dona Conceição, e meu Pai, que por sua vez ouviram desde criança de meus avós, João Nascimento e Maria Antônia Barreto, que também cresceram ouvindo seus pais falarem da luta dos antigos. Ouvindo as histórias, era notório que todos estavam na mesma sintonia, no mesmo sentido, com a mesma luta e com único desejo, que era ainda de ver suas terras demarcadas.



**Figura 2. A rua principal da aldeia Barra Velha**

Eles falavam da luta para conquistar o reconhecimento como legítimos Pataxós em uma

---

<sup>1</sup> Jokana: Nome na língua Patxôhã, que significa Mulher.

terra que sempre viveram, ao redor da ~~Redra Grande~~, apelidada pelo português de ~~Monte Pascoal~~. E, para esta conquista de reconhecimento, foram necessários muitos anos, muitas viagens à Brasília, Governador Valadares, Salvador e Rio de Janeiro. Estes lugares se tornaram uma rota bastante frequentada por nossas lideranças, que reivindicavam ao governo para que os ouvissem, para fazer valer os seus direitos e demarcar as suas terras.

Essas viagens aconteceram timidamente antes, e incessantemente após a data de 1951, período em que houve um acontecimento que marca a história dos Pataxó, conhecido como ~~Massacre do FOGO de 51~~. Dez anos após este acontecimento, em 1961, os Pataxó são novamente *golpeados* pelo Governo Brasileiro, pois o Povo Pataxó foi *enganado*, partes de nossas Terras foram *roubadas*, para a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal . PNMP.

Mas sobre estes dois fatos, que são de extrema importância para entendermos a atual realidade dos Pataxó deste Território, citaremos com mais detalhes em um subcapítulo específico à frente.

Ouvindo o guerreiro, a liderança Pataxó Tururim, disse algo muito importante: *Eu viajei para o Rio de Janeiro, mas Honório, que era meu avô, depois morreu, teve Fogo de 51, acabaram com tudo... Ele é o principal livro vivo, que ainda resta dentro da Aldeia Barra Velha, como testemunho da história sobre o Povo Pataxó. Tururim atualmente está ~~de~~ cama*, como dizem nossos mais velhos. Ele está doente, teve um AVC, e se encontra na casa de sua filha mais nova, chamada Tauana. Passando seus dias, na terra que junto com seus companheiros, muito lutaram para conquistar. Penso eu, submerso em seus pensamentos, como filme de uma longa história sofrida, guerrilhada, com sequelas que não podem apagar, e que hoje se tem o resultado positivo, com o sentimento de dever cumprida em sua trajetória enquanto liderança.

Fui criado ao lado da casa do meu tio Tururim, nasci e criei junto dele e sua esposa Maria D~~a~~ Ajuda. Meu pai sempre o visitava e vice versa, era uma relação bem próxima. Como de costume, eu sempre ia até eles, comia pirão de galinha <sup>2</sup>na casa dele, que minha vó D~~a~~ Ajuda fazia, ou tomava café com biscoito de a~~ç~~oite<sup>3</sup>, como ela mesma dizia. Minha criação foi assim, meu pai sempre se preocupava que seus filhos mantivessem a sua tradição de respeito com os mais velhos, e isso foi muito forte com meu tio e minha vó D~~a~~ Ajuda, pois era assim que papai dizia para a chamarmos, porque ela era como se fosse mãe dele. Assim foi minha relação desde criança com eles.

---

<sup>2</sup> Pirão de Galinha: Comida caseira em que os mais velhos gostavam.

<sup>3</sup> Biscoito de Açoite: Farinha de puba com café.

No início de 2014, comecei a ser incomodado pelo meu inconsciente a respeito do meu velho cacique Tururim, uma voz sempre me saudando para que eu pudesse visitá-lo, e escrever o que ele dissesse. Como eu já trabalhava fora da Aldeia, num setor que era para ajudar meu próprio povo, quase não encontrava tempo para visitá-lo. Assim passou o ano de 2014, e já se iniciava o ano de 2015, em 28 de fevereiro fui à aldeia, meu coração pulsava bem forte, era como se o vento me tocasse, levando para a casa dele, e não resisti, chamei meus dois sobrinhos mais velhos, Júnior e Crauré e fomos pela praia até a casa do cacique velho, que morava na aldeia Xandó com sua filha. A maré estava baixa, logo o vento tocando do Sul e as plantações de coco que seguem nos terrenos próximos a praia, balançavam insensatamente.

Chegando, lá estava ele, sentado em frente de sua casa, pois o sol ainda estava muito quente e fazia sombra onde ele estava acomodado. Quando me aproximei ele me viu, foi logo foi dizendo que já sentia que alguém ia visitá-lo, mas não sabia quem era ainda. Eu disse a ele que eu tinha ido visitá-lo para escutar ele conversar, aprender mais das histórias antigas de nosso povo. Então ele me levou para debaixo de um pé de murtinha<sup>4</sup> que tem logo em frente da casa. Ele sentou na raiz da árvore, e eu fiquei de frente para ele, pronto a ouvir o que falaria.

Eu o deixei a vontade, mas disse que queria gravar as falas dele, queria que ficasse marcada para outras pessoas ouvirem, então compreendeu e disse para eu ficar à vontade. Todas as falas de Tururim que colocarei em meu percurso acadêmico, são de grande relevância, pois não foi apenas um sentar para ouvir um ancião Pataxó, foi o testemunho, talvez, de sua última entrevista antes de ficar doente. Portanto menciono a fala supracitada como marco em que todos jovens não podem perder a cultura de ouvir os mais velhos.

Como em sua pequena, mas de grande importância, fala acima, Barra Velha não foi uma conquista da noite para o dia, foi uma luta de muitos anos, a quem devemos a integridade e consideração, pelos nossos mais velhos hoje.

Fui até a Aldeia Pé do Monte atrás de ouvir mais sobre este nome, sentei com um líder muito respeitado pelo Povo Pataxó, conhecido como Braga Santana, filho de Manoel Santana. O clima lá, como de costume estava meio frio e, atrás de uma casa nos sentamos para amenizar o vento que soprava forte. Ouvíamos os cantos dos pássaros (Anum Branco, Tijê de penas amareladas e algumas pretas em cima da cabeça, e Canarinho com penas todas amarelinhas) no pé de jenipapo que estava logo à frente da gente. Ao nosso lado

---

<sup>4</sup> Murtinha: Árvore nativa na área de campo da Aldeia.



estava a Pedra do Monte Pascoal, neblinada pelo clima frio. Este líder então mencionava o que alguns mais velhos já tinham contado para mim:

Bom, eu perguntei meu pai por que o finado Epifânio, mas os outros colocaram o nome de Bom Jardim. Eles falaram que é por que lá tinha muito jasmim. Ai eles comparam aquilo como o nome na aldeia né, ai eles colocaram o nome Bom Jardim, por que tinha muito jasmim e muitas flores cheirosas. Eles viviam ali dentro, então eles acharam através de tipo assim uma ilha, ai eles colocaram o nome assim de Bom Jardim.

Oziel Santana, entrevista feita em Agosto de 2016.

Antigamente a Aldeia Barra Velha era conhecida como ~~Aldeia~~ Aldeia Bom Jardim. Nossos mais velhos contam que este nome foi dado, porque no derredor da Aldeia havia muita plantação de Jasmim, uma espécie de bromélia, que perfumava a comunidade. Isso para os nossos mais velhos era muito importante, pois percebiam que a presença da natureza trazia a harmonia entre a floresta e os Pataxó, com isto presenciavam a floresta tomando contas da Aldeia com seu aroma. A presença das aves, pássaros, bichos era uma realidade ao da Aldeia.

Na entrevista o Cacique Braga da Aldeia Pé do Monte, nascido e criado na Aldeia Barra Velha, mencionou uma fala muito interessante, de seu pai Manoel Santana, do por quê dos mais velhos colocaram o nome de Bom Jardim.

Me chamou atenção sua fala, pois ele já menciona o nome de uma liderança daquela época que pode ter feito parte da formalização deste nome para a aldeia, que é o senhor Epifânio. Com isto, compreendo que como o finado Epifânio fez parte do grupo de lideranças de Tururim, Alfredo Braz, entre outros, pode ser que essas lideranças foram que ajudaram a fortalecer este nome da Aldeia na época. Diante do exposto é importante ressaltar que os líderes daquele período usavam as conversas, como informações importantes para a organização da comunidade, visavam este diálogo como recomendações para serem impostas. Se os mais velhos percebessem que teria que haver mudança em algo, ele sugeria e logo as lideranças que ouvia, fazia a alteração recomendada por ele. Não foi diferente para o relato referido, o nome Bom Jardim foi decidido pelo grupo de líderes antigos que em junção lutavam.

Não se sabe concretamente o período em que a atual Aldeia, hoje reconhecida como Barra Velha, teve sua alteração de nome, pois ouvimos pelas nossas lideranças mais velhas que o

referido nome é reconhecido pelo fato de que a região litorânea, em específico as extremidades das vilas Caraíva e Corumbau, que são banhadas por dois rios de mesmo nome. Os rios Corumbau e Caraíva desaguam no mar, formando uma barragem de areia, conhecida como %barra+.

Em um desses períodos o rio de Corumbau, acabou se abrindo na beira da praia da Aldeia. Como a barra era visto como ponto de referência para as localizações, agora a barra passa a ser visada pela aldeia e por demais pessoas, com sua localização na Aldeia Indígena, tornando assim como ponto de referência.

Ouvindo alguns relatos e buscando mais informações a respeito de como iniciou a chamar a Aldeia pelo nome de %Barra Velha+, notei que houve algo espontâneo, digamos assim. Percebi que eles citavam o nome por estar nas proximidades da Barra antiga havia saído ou desaguado no mar. Explicando melhor é onde dela estar relacionada à Barra do Rio Corumbau:

O nome de Barra Velha, porque a Barra do rio de Corumbau passava beirando aquela lagoa de fora, contudo ela saiu ali na praia. Então chegou e colocou o nome de Barra Velha.

(Oziel Santana, entrevista feita em, Agosto de 2016).

A Barra antiga está localizada ainda na Praia do Pistola, próxima ao lugar que na década de 60 ficaram hospedados os guardas do Parque Nacional do Monte Pascoal, e logo a esquerda do lugar, também localizada na Murian<sup>5</sup>.

A %lagoa de Fora+ que a liderança Oziel cita, está localizada próxima à praia. Na época ela não secava, era uma lagoa muito grande, segundo nossos mais velhos, além de ser considerada um ambiente bom para banho. Os Pataxó faziam muito, as suas atividades de Pesca de Jikiá e Surú<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Murian é o nome que damos a um local com terra de areia branca com moitas. Murian foi nomeada pelo cacique velho chamado Tururim. Nossos parentes gostavam muito de vir à praia para pescar mariscos, entre outras coisas, como um indígena da aldeia ele também matinha essa prática, partindo daí ele começou a gostar muito daquela areia, chegando a mudar-se para lá. A área é de restingas, cheio de areia branca, arrodada de coqueiros chamado Xandó, pés de caju, mangaba, murtinhas, e salsas, era notório na época essas plantações nativas. Como Tururim mantinha uma boa relação com esse território, ele optou em dar o nome para o lugar, chamado Murian, tendo significado terra de areia com moitas.

<sup>6</sup> Jikiá e Suru: Instrumento de pesca no rio, que os Pataxó utilizam.



**Figura 3. A lagoa de fora. Fonte: [www.trancosobrasil.com.br/fotos/AldeiaPataxo.html](http://www.trancosobrasil.com.br/fotos/AldeiaPataxo.html). Acesso em 11/05/2017**

Meu pai conta que antigamente a Lagoa de Fora, nunca secava, e que depois essa realidade mudou. Ele me explicou que isso vinha sendo decorrente do desmatamento das florestas nas cabeceiras do rio. Hoje a lagoa fica cheia, mas não com frequência como antes, é preciso de muita chuva para que possa estar como antigamente.

### **1.1. Organização dos Pataxó Antigamente**

As lideranças eram Vicentina, Cassiano, Palmiro, Luiz e a velha Zefa. Eram eles que eram as lideranças, ae o pajé o velho João Nascimento que era seu avô e a velha Maria Antônia que era parteira, que pegou um bocado de neném e o finado Epifânio que era o chefão, ai o finado Epifânio morreu e ficou eles. Depois, depois que, chegou a FUNAI.

Antônio Ferreira, entrevista feita na Aldeia Barra Velha, Julho 2016

Eu fui à casa da liderança conhecido como Antônio Fumo, já há mais de 40 anos liderança. Fui ouvir um pouco de suas experiências para que pudesse complementar a minha pesquisa. Era um dia de sábado, a trovoadas, estava forte e o vento era terral é conhecida

pelos nossos mais velhos, aquele vento que vem de dentro das matas para fora em direção ao mar.

Ele me falou de como eram suas estratégias de descobrir e saber quem era liderança na época, pois eu entendi que as pessoas já nasciam lideranças, cada um com sua habilidade e especificidades que pudessem ser usadas em favor de sua comunidade e de seu povo. As lideranças que ele descreve daquela época não desconsideram demais lideranças que não são citadas, porque até mesmo outras vão surgindo de acordo a história que ele vai me contando. Faço aqui essa ressalva, pois como tinha dito, compreendi ainda mais a importância de liderar a comunidade Pataxó.

Seu Antônio foi me contando que a luta ela vai passando de pai para filho. A necessidade faz com que novas lideranças surjam, colocando sua especialidade, sabedoria em prática. Quando ele cita sobre, João Nascimento e Maria Antônia como duas pessoas que possuíam uma importância significativa para as medidas sociais, ou seja, que cuidavam da saúde de muitos da aldeia, por outro lado Maria Antônia era responsável por ajudar as mulheres terem seus filhos durante o parto. É sabido que havia uma especialidade deles, que eram usados para o bem da comunidade e isso era visível, considerado e se fazia uma autoridade dentro dos Pataxó.

Isso me faz lembrar que na entrevista com o cacique Braga, ele faz uma ressalva que me chama bastante a atenção, que diz respeito a liderança aparecer quando se vê a necessidade de tê-la. Braga comenta que em uma das viagens à Brasília, chega um momento em que o Epifâne, uma liderança da época de Tururim, segue viagem sem alguns de seus companheiros, pelo fato que alguns acabam exagerando na kaiboca e retornaram de volta para a aldeia. E com isso seus filhos viram a necessidade de acompanhá-lo, pois não iriam deixar o seu pai viajar sozinho:

Luiz Capitão e Parmiro, como era filho dele, falou assim: - Poxa, meu pai viajou sozinho nessa. Eu vou mais meu pai. Foi onde ele se mandou... foi dois dias para ele alcançar o pai dele. Alcançou por que um camarada veio trazer uma carga ai pra cima de Valadares, por ai que deram uma carona para ele de volta para traz.

Oziel Santana, Entrevista feita, Aldeia Pé do Monte, Agosto de 2016.

Como os demais, havia aquela preocupação de alavancar nosso povo naquela época. É notório entender essa necessidade, pois após o fato trágico que aconteceu em 1951, os Pataxó começaram a aparecer nos jornais da época de forma muito distorcida, segundo

nossos mais velhos contam. Fato era que nosso povo era esquecido pela sociedade. Era visto por quem estava de fora como pessoas sem expectativas, sem perspectiva de vida social ou humanitária. Uma imagem entristecedora tomava conta do Povo Pataxó, pois ninguém do governo favorecia a comunidade.



Figura 4. Recorte de notícia do Jornal da Bahia, edição de 1969, sobre os Pataxó de Barra Velha.

Hoje, pesquisando em documentos e ouvindo a história dos nossos mais velho, vejo que essa realidade fazia com que fosse erguendo lideranças em favor da Aldeia. Por isso, seu Antônio me faz entender essa necessidade de liderar e buscar as suas especialidades para ajudar o próprio Povo.

Naquela manhã de domingo, levantei-me e sai para fora do Kijeme<sup>7</sup> de meu pai afim de fazer a entrevista com ele para apenas firmar em minha memória, o que ele já há anos vem me passando pra eu aprender. No dia da entrevista, estava meu pai em frente à sua casa, sentado em seu banco de madeira que ele mesmo fez, costurando uma rede de pesca no mar. Era um dia de sábado, os pássaros do campo entoavam seu canto (Bem-te-vi, Canário e Sabiá da Praia) e ele costurava uma rede de pescar de 100 metros.

Meu pai começou a falar que sempre viveu aqui por perto, que seu pai e seus avós, nunca tinham saído daqui suas parentagens sempre viveram por essa redondeza. Ele conta que antes de qualquer acontecimento seu pai contava que viviam livres para fazer o que queriam, disse que o manguê sempre foi um meio de sustento e que há a mais de 100 anos atrás, já ouvia contar que o avô de seu pai já mexia com esse tipo de atividade, além de caçar e pescar.

<sup>7</sup> Kijeme: Língua Patxôhã, que significa Casa.

Eu percebi que não era tão fácil puxar isso da memória, mas seu esforço fez com que eu chegasse à conclusão, que por muito tempo as atividades eram espontâneas, não se fazia porque era o único meio de sustento e sim por ter uma relação de muitos anos que era passada geração em geração.

A alimentação dele era o mangue. Antes de 51 eles tinham o Direito de botar roça ainda né... agora depois de 51, que começou esse negocio de IBAMA. Antes de 51 eles viviam a vontade, viviam mesmo da caça, do mangue. Viviam do mangue, por que repara só... no tempo de meu pai ele disse que nunca vivia gente por esse lado da praia aqui, e Vagelim ( parente indígena que mora vizinho do meu pai), campinando o lugar alí embaixo, encontrou um buraco cheio de Ostra enterrado... Cada Ostrona grande danada, nunca morou gente ali. Por isso eles viviam por ae mesmo. No mangue comendo Ostra, caça...Parece que os índios pegava de lá e vinha comer aqui, na beira da lagoa.

Adalberto Nascimento, Entrevista feita, Barra Velha, Agosto 2016.

Meu pai conta que a dormida antigamente não era feita como hoje. Ele disse que fazia Tarimba, espécie de cama Pataxó. *“A cama de dormir era com vara, (ele ri) ... Enfiava um gancho lá e outro cá, enchia de vara todo naquele travessão de pau e dormia...”* Quando meu pai me disse isso, ele riu, então perguntei a ele a causa da reação ao dizer isto, ele mesmo disse que passa um filme ao contar essa história que por algum momento pode passar pensamentos de dificuldades, mas que também relembra de como era a cultura do dia a dia. Ele disse que ao cortar as varas na mata, para montar sua tarimba, teria que ser uma técnica que todos Pataxó tinham que saber.



**Figura 5. Tarimba pataxó na Reserva Pataxó da Jaqueira.**

Sobre meu avô, João Nascimento que morava no início da ladeira da sede, conta meu Pai:

A gente morava na cabeça da ladeira ali da sede, meu pai criava um bocado de porcos. Nessa época todo mundo já tinha roça por ai tudo. Aquele Terreno da sede era dele, mas só que antes eles moravam no córrego fundo, ali aonde Dona Joana mora. O pai dele criava alguns porcos, alguns animais, ai o tio dele pegou para não acabar, aí ele vendeu e comprou esse negocio e já comprou na mão de outro...Comprou ali pra ele. Isso, ele ainda era menino. Depois a FUNAI indenizou meu pai para fazer aquela sede ali, naquela época nem sei quanto foi aquilo ali.

Adalberto Nascimento, Entrevista feita, Barra Velha, Agosto 2016.

Nesta fala são abordados alguns aspectos que são de inteira relevância para entendermos um pouco da Aldeia hoje. Córrego Fundo hoje é pelo nome Rua de D<sup>a</sup> Joana, lugar onde atualmente mora a filha da grande guerreira D<sup>a</sup> Josefa (ela lutou também contra o IBDF no início da criação do PNMP). É uma rua que possui uma vegetação boa para plantio de mandioca, milho, melancia, entre outras. Portanto, as pessoas que moram naquela rua possuem muito plantio e a presença de farinha é bem significativa para arcar com as atividades da agricultura.

Por outro lado, quando meu pai conta um pouco sobre a propriedade do meu avô, isso me faz entender que já havia uma divisão de terrenos dentro da localidade onde eles moravam,

para que pudessem atender, talvez, as suas atividades, no que cabia a cada um exercer. É muito interessante essa abordagem para justamente dizer que nossos atuais anciões, eram pessoas que possuíam suas organizações, que visavam a qualidade de vida da comunidade. A criação de porcos está atrelada a alimentação diferenciada da Aldeia. As plantações já traziam a prática da agricultura que posteriormente efetivaria a partilha dos alimentos entre parentes da comunidade, e as localidades sempre atreladas à realidade da comunidade. O nome Córrego Fundo correspondia justamente a um córrego que passava detrás da mata que era muito profundo.

## 1.2. Territorialidade para o Povo Pataxó, antes de 1951

Ele contava que aqui não tinha morador mais nenhum, a não ser os índios mesmo. Uns morava por aqui, outros moravam lá para %Ré do Monte+ pra lá. Esses ae já era os índios mais...com diz, já %Selvagem+ já! Ae quando ouvia passarinho cantar, Zabêlê, coruja, podia crer que era eles que vinha chegando.

Adalberto Nascimento, Entrevista feita, Barra Velha, Agosto 2016.

Percebo que devemos viajar na história de nosso Povo, pensar de forma responsável, como se estivesse criando um filme, onde o diretor precisa focar nas cenas e captar delas as mais reais possíveis imagens para montar a história. Nesse sentido, requer de nós Pataxó, buscar o espírito indígena para o auxílio na construção dessa nossa história.

A História dos Povos Indígenas que aqui viviam nessa região antes do contato com os não-índios, até hoje são ditas com liberdade. Não há impedimento delas serem faladas, os povos Indígenas alavancam sua história em seminários, palestras, em situações em que há oportunidade de falar sobre a resistência Indígena. Não é diferente da nossa família Pataxó nos séculos passados. Até hoje dizemos que eles viviam em harmonia com a natureza, cuidavam da mata e tinham os melhores medicamentos para a cura das doenças daquele tempo. Isso, muitas das vezes por passarmos essa mensagem retoricamente aos que são desavisados, por algumas vezes até duvidamos, por que é difícil comparar uma história de harmonia de séculos, com o grande desafio que enfrentamos hoje, tendo que ocupar os espaços através da luta política numa sociedade em que a maioria ignoram a existência dos Povos Indígenas nos dias atuais.



Seu Antônio e meu pai, fala como seus pais contavam a história de quando e como acontecia esse momento em que eles se encontravam com os demais Índios selvagens, como dito pelo meu pai. Quando era tempo de lua cheia, contam que pelas redondezas de barra velha eram o ponto de encontro deles. Vários outros indígenas vinham de dentro da mata para a beira da praia. Segundo o que era contado pelos pais dos entrevistados supracitados, os índios chegavam se comunicando com cantos de pássaros da noite, coruja, corujão, bacurau, zabelê, entre outros. Eles vinham fazer uma espécie de intercâmbio, onde admirar a lua, comer mariscos durante os dias pela área de Barra Velha.

O Cacique velho mesmo morava ali no Céu, e quando os índios saiam de lá, ele dizia: . Cheguemos no Céu! Que era abertão de lá pra cá, só tinha esse campo velho ai. Dai, eles avistavam tudo, daí passavam mais uns dias com o cacique de lá...e depois sumia no mato de novo.

Adalberto Nascimento, Entrevista feita, Barra Velha, agosto 2016.

Nascimento disse em sua entrevista que existia um cacique velho, que recebia os demais indígenas em um lugar dentro da Aldeia que é conhecido como Céu. Esse lugar era onde os Pataxó encontrava com os índios Maxacali e outros. Segundo a história que ele conta, não se sabia a identidade do cacique velho, mas era visto como um grande Representante Indígena. Os demais traziam muitos presentes para a liderança velha, eram pedras brilhantes da mata, caça. Ali faziam uma festa com seus cantos e danças.

Compreendi que passar essa vivência de forma mais concreta e precisa, de nossos mais velhos, para literatura não é tão simples, já que nem todos de nossos velhos, se encontram vivos. É preciso muito esforço para construir a história que ainda vive através de nós. Não se escreve sobre Povos Indígenas, o que se faz é mergulhar na história de um Povo e extrair os mais profundos acontecimentos, que estão na memória de nossos Makiamé.

O Convívio do passado de Paz e a Luta de resistência por consequência do Homem Branco. A história do Povo Indígena, é preciso vivencia-la, pois assim você não apenas escreve, pelo contrário você vive e sente na pele as lutas enfrentadas pela nação Indígena.

Na tentativa de compreender estes períodos, percebi que a presença de nosso povo neste território é bem antiga, pois, na entrevista, meu pai cita que já ouvia os relatos de meu avô,

(que faleceu aos 99 anos), que também ouvia falar de seu tataravô as histórias em que seus familiares já viviam por essas redondezas. Ou seja, se recuarmos o suficiente chegaremos na carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500!

É importante dizer, que o Povo Pataxó vivia livre, vivia em um território com fronteiras mais fluídas, apesar das brigas com outros grupos indígenas, tinha a região de Prado, Porto Seguro e São Matheus, como seu território principal.

A afirmação do meu pai serve para aprofundar um pouco a abordagem que o doutorando em História, Francisco Cancela, em um de seus artigos, faz. Ele traz algumas reflexões sobre o contato interétnico entre indígenas e não índios, nas vilas de Índios da Capitania de Porto Seguro, entre os anos de 1820 . 1958. Busca apresentar a ideia de que as vilas se tornaram um território multicultural, de vários contatos condicionados ao contexto geral do processo de conquista da colonização da América Portuguesa, em específico desta Capitania, entre os séculos XVIII e a Primeira metade do Século XIX:

As vilas de índios foram criadas no reinado de Dom José I (1750-1777), que teve na figura de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, o representante autêntico da política ilustrada do despotismo esclarecido (FALCON, 1984). Como resultado da ação da nova Ouvidoria foram criadas outras seis vilas de índios em Porto Seguro: Belmonte (1764), São Mateus (1764), Prado (1765), Viçosa (1768), Porto Alegre (1769) e Alcobaça (1772). (CANCELA, 2007, p.43-4)

Essa citação nos chama atenção para compreender como foi formada as imposições da Política para os Povos Indígenas naquela época. Através da Colonização nossas gerações passadas, foram forçadas transformações de suas aldeias em vilas, que eram estratégia de atender as questões de interesse de Portugal, nos aspectos econômicos e demais tipos de poderes de seus interesses.

Para mostrar a realidade o estudante Indígena ao escrever a história de seu povo precisa também levar em consideração que há histórias de povos também entrelaçada a sua. É sabido que na região de Porto Seguro não existia apenas o Povo Pataxó. Mas esta abordagem serve para compreendermos que a história que hoje é refletida na memória dos mais velhos que ainda vivem entre o Povo Pataxó, está ligada às imposições políticas desse processo de colonização (o pataxó deve entender que a história tupinambá também sua relação, pois, ambos aqui estavam, acabando sofrer os mesmos ataques, tais como, forçar

a não falar a língua, negar sua crença, foi a maneira da política desta natureza). Com isso a mistura de povos é realidade, por muitas terem afugentados em outra aldeia, que viu como escape para fugir do processo colonizador.

O Povo Pataxó não tinha onde ficar por que seu lugar era em toda a terra que avistava. Não havia limitação, o que havia era a harmonia entre nossas famílias passadas. Segundo Adalberto:

*Ele contava que aqui não tinha morador mais nenhum, a não ser os índios mesmo... chegamos no Céu! Que era abertão de lá para cá, só tinha esse campo velho ai. Daí eles avistavam tudo, daí passavam mais uns dias com o cacique.*

São falas que nos dá essa garantia da liberdade daquela época, que traz resistência em que os Povos Indígenas, em especial o Povo Pataxó que tem para lutar hoje por direito a uns poucos hectares de Terra.

A entrevista com seu Antônio Ferreira confirma várias informações da dadas por Adalberto. Na região de Barra Velha, mais ou menos na década de 40/50, eles já se comunicavam com demais parentes que viviam espalhados nestas terras. *Antes do 51 eram vários grupos de índios aqui dentro do Território mesmo*+ Ferreira, conta que em Barra Velha seu avô recebia muitos índios de outros lugares. Havia índios da região de Angelin, Majoba, Ribeirão, São João de Minas, etc. Eram lugares que parentes deles vinham pela mata para festejar em Barra Velha junto com eles. Ele ressalta que São João de Minas era onde tinha uma Aldeia na qual o avô dele chefiava, lugar atualmente localizado como área do Parque Nacional.

Não consegui extrair mais informações no que diz respeito dessa aldeia e de seus parentes, mas isso demonstra que havia um elo de ligação entre parentes, mas que possuía uma diferença notória, pois eram lideranças em suas específicas aldeias que em um momento do ano vinham visitá-los. Pelo que tenho entendido, antes as separações existiam, quando os hábitos, costumes eram diferentes. Penso eu que suas famílias poderiam variar entre costumes e até mesmo de outra etnia já que não ficavam na mesma localidade.

*Antes do 51 eram vários grupos de índios aqui dentro do Território mesmo ne. Existia aqui o.. Iniciava daqui, o Angelin, Boa Vista, Desejo, Majoba, Ribeirão, tudo era grupo de índio, ai tempo de festa eles vinham para Barra Velha, né, os feriados eles vinham passar ai e Barra Velha sustentava o são João de Minas onde era aldeia do Vicentin que era meu avo, era uma aldeia grande, São Joao de*

Minas era ai ele morreu e ficou pai, ainda alcancei a aldeia ainda lá grande.

E são Joao de Minas lá na aldeia, por que lá era a aldeia do Vicente e aqui era a aldeia do Joao Vicente e o Joao Vicente era o chefão né, e que o filho dele era o Vicentim, Epifânio , Emilio e Marcelo, e ao tendo os feriados eles vinham tudo pra ai ne tinha os encontros deles ne Ribeirão, Desejo, não sei o que, não sei o que , tudo vinha pra eles vir, só que eles cantavam mas não dançavam o deles era batuque de sambar.

Antônio Ferreira, entrevista feita, Aldeia Barra Velha, julho 2016

O Povo Pataxó, sempre foi nômade, caminhava de um lugar para outro, contudo ficavam marcados através de suas celebrações, sustento e característica. Os cantos, as danças, a troca de alimentos, a relação entre líderes mais velhos, descritos nas entrevistas, demonstram a realidade em que viviam em diversos momentos com os demais povos nesse período.

Trazer a realidade do passado para o presente é garantir que ela nunca morra. O que Antônio fala das aldeias de outras redondezas, onde moravam seus parentes, hoje todo este território está inserido dentro do Parque Nacional Monte Pascoal. Entendendo a situação geográfica do Parque e trazendo o histórico de como ele foi criado, afirma que os Pataxó já viviam nessas áreas antes da criação do PNMP e que, por uma força política do governo foram impedindo de permanecerem, e forçados a se instalar em poucas terras demarcadas, até mesmo por que essa era um dos intuitos da Política Indigenista da época.

### **1.3. Resistência e Sustentabilidade**

Quando meu pai ainda era vivo, eu sempre acompanhava. Agente saia bem cedo, escondido...por causa dos IBAMA. Saia de um jeito que eles não via e chegava do jeito que eles não via também. A Piaçava, escondia lá na mata, limpava lá mesmo, lá amarrava a piaçava...e daí saia escondido de novo para vender também... já saia daqui escondido!

Adalberto Nascimento, entrevista feita, Barra Velha, agosto 2016.

Os documentos processuais da demarcação da Terra Indígena Barra Velha mostram que, no mesmo período, já se acelerava a concretização da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, até porque essa discussão já era antiga, pois, segundo esses documentos, já em 1941, portanto dez anos antes da criação do PNPM, a

*Primeira medida oficial foi a constituição de uma comissão de levantamento topográfico, através do decreto 11.892 de 2 de maio de 1941 (Seção Republicana/Secretaria de Governo, CX. 2090, Maço 2481; CX. 2088, Doc. 2476)+*

Todo esse planejamento do governo pode ter sido uma das maneiras de oprimir os indígenas, para que a manifestação dos Pataxó não pudesse intervir nestas questões. Uma maneira de usurpar todo este território, de tal forma em que os Pataxó, que então acordavam, buscando seus direitos, percorrendo à Brasília, Belo Horizonte, não pudessem ter tempo para entender o golpe em que o estado executava com a criação do Parque Nacional Monte Pascoal - PNMP, sobre uma área tomada dos Pataxó para servir de Patrimônio Histórico da Bahia+.

Lembrando esse período em que ocorreram muitos conflitos entre a guarda do PNMP, meu pai, Adalberto Nascimento, filho de João Nascimento, nascido em 1956, conta que antes eles viviam da venda de piaçava, roças e produção de arco e flechas. Primeiro, como supracitado, eles foram impedidos de fazer o plantio da agricultura, pois eram barrados pelo IBDF. A colheita de alguns tipos de matéria-prima agora era feita às escondidas, pois já não havia expectativa de outra maneira sustentável.

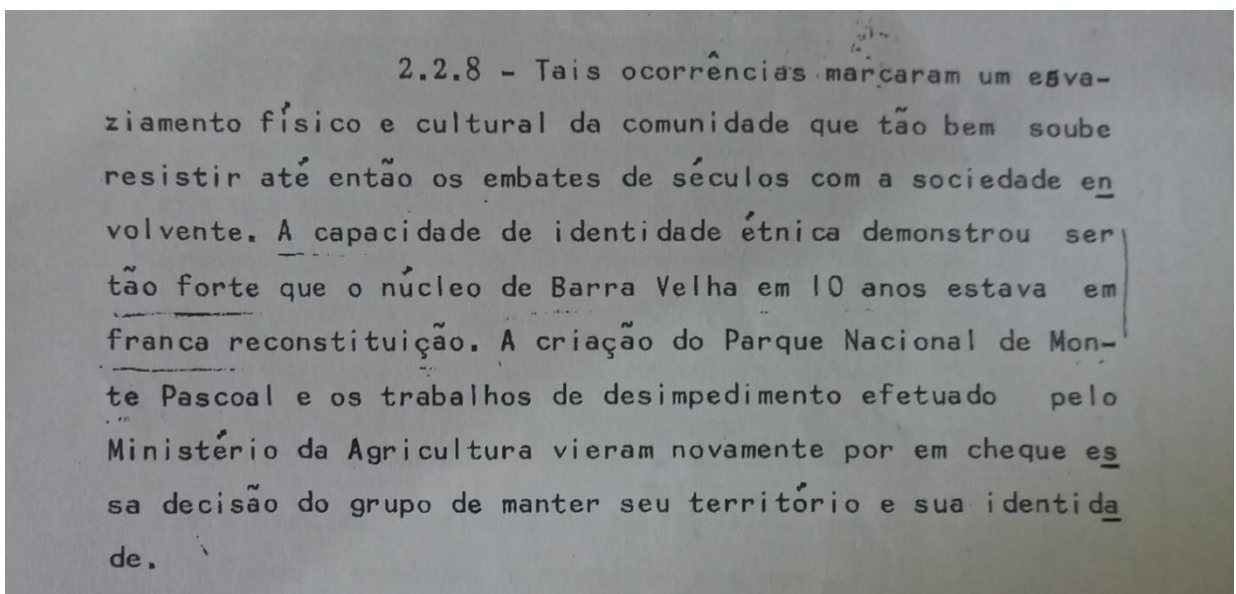
Considerando que na entrevista Adalberto, diz que nesta época estava com 08 anos de idade, fazendo a matemática é afirmado que esse período estava entre o ano de 1963. Com isto, ele disse também que em Caraíva já havia pessoas com visão lucrativa por causa das madeiras que existiam neste território, conta que tinha um homem por nome Moura, que montou uma serraria, no qual trabalhava com a produção de material de madeira nativa, meio em que aumentava nos madeireiros a prática da extração de madeira na região.

Nesse período turbulento de briga dos Pataxó com o IBDF, Caraíva era o lugar onde os indígenas vendiam piaçava, uma das principais atividades para a sobrevivência:

A Piaçava escondia lá no mato, limpava lá mesmo, lá mesmo amarrava a piaçava...e daí saía escondido de novo para vender também. Pra gente comer um pirão mesmo, coitado! A gente padecia! Quando meu pai saía para vender piaçava, a gente ficava acordado, esperando a hora dele chegar, pra gente comer um pouco de farinha. Chegava, aí a gente tinha o que comer.

Adalberto Nascimento, entrevista, Barra Velha, agosto 2016.

Ao mesmo tempo em que nossas lideranças continuam a lutar pelo direito a subsistência e direito a terra, o governo se mobilizava para adiantar o processo de criação do PNMP, com o objetivo de expulsar o nosso Povo daquela terra, nos impedindo de plantar, caçar, fazer seu próprio artesanato, enfim, de obter alimentos para a própria subsistência. Esse registro é relevante, pois mostra a violação aos direitos humanos, os Pataxó sendo impedidos de praticar as atividades para manter a sua própria sobrevivência. Isso fica bem claro no seguinte documento, constante nos documentos do processo demarcatório da TI Barra Velha.



**Figura 6. Registro do Processo Demarcatório - TI Barra Velha MEMO. Nº 553DGPI. 23/08/82**

A usurpação continua a golpear os Pataxó após o acontecimento de 1951, quando as lideranças Pataxó são forçadas à repensar sua permanência de seu próprio lugar no qual a sua geração antiga viveu. O processo de demarcação registra que o Sr. Hélio Bucker, técnico Indigenista, apesar de ter verificado, IN LOCO, a difícil situação dos Pataxós em

maio de 1970, propõe, em seu relatório, datado 17 de Junho de 1970, as seguintes soluções para o povo Pataxó: 1) Deixar os Pataxó encurralados na área de restinga, desmembrada do PNMP ou; 2) desapropriar uma área à margem do Rio Frades na região de Itaquena, município de Porto Seguro. Ou seja, o governo, por meio do órgão indigenista oficial, queria a qualquer custo remover nosso povo do nosso território tradicional.

Mesmo assim os Pataxó resistiram e, às idas às cidades onde se concentravam o governo fizeram com que a FUNAI buscasse intervir de forma que pudesse atender às demandas do Povo Pataxó.

Em todas essas brigas nós, os donos da terra, estávamos vulneráveis, pois o modelo das políticas não atendia às questões da sobrevivência do povo indígena. As políticas não contemplavam as questões do território indígena, e não favoreciam a permanência de seu modelo de vida, onde caçar, fabricar seu artesanato, era o que bem sabiam fazer.

A exceção, do ponto de vista do nosso modelo de vida, se torna a regra, pois a implantação do Parque Nacional e a severa fiscalização do IBDF esbulharam o Território Indígena de Barra Velha, forçando meus antepassados a não mais colocar suas roças, pegar sua palmeira para confecção de artesanatos (que era o arco e a lança), caçar, etc. Com a criação do PNMP e a opressão dos guardas do IBDF, estas atividades produtivas tradicionais tiveram que ser substituídas, forçando nosso povo a desenvolver novas práticas para a própria subsistência.

#### 1.4. O Fogo de 51 e Sua Relação com a Organização Territorial Pataxó

Ao sentar ao redor de uma fogueira, ou visitar um mais velho em sua casa, como de costume logo nos oferecerem um Tahão<sup>8</sup> ou o Cawin<sup>9</sup> feito pela sua Jokana,<sup>10</sup> enquanto sentamos num tamborete ou num cepo de madeira que sempre tem no Kijeme. É comum para qualquer jovem da Aldeia que faz a prática da escuta, ouvir os velhos dizerem que a história do nosso povo começa a ser vista com outro olhar após o terrível acontecimento, que poucos que sofreram gostam de lembrar, pois traz na memória sequelas da crueldade que fizeram desde os mais novos até os mais velhos: o chamado Fogo de 51+.

E eu, respeitosamente, saindo em busca dessas informações concretas, e buscando a mais

---

<sup>8</sup>**Tahão**, nome da língua Pataxó, que significa Café.

<sup>9</sup>**Cawuin**, Bebida tradicional Pataxó, feita de mandioca e água.

<sup>10</sup>**Jokana**, nome da língua Pataxó, que significa Mulher casada.

pura realidade dos que mais sofreram por conta desse acontecimento, eu fico abismado com o fato de que, após 24 anos de idade, eu não consigo ainda ter a justa noção de quanto à história do meu povo foi sofrida, mesmo quando me deparo com as histórias contadas pelos próprios líderes da época. Gostaria de frisar que ao dizer que não tenho a exata noção do que aconteceu não é querer dizer que sou leigo na história do meu povo. Ao contrário, eu cresci ouvindo as histórias passadas e ao redor de meus familiares que a vivenciaram. Portanto, quis fazer essa menção porque é frequente vemos pessoas que querem escrever a nossa história com poucas páginas. Só pelo fato de ter ouvido dizer ou lido alguma coisa a respeito pensam que sabem toda a história. É preciso conviver, é preciso fazer os esforços de sentir na pele. Portanto, nesses momentos o quebra cabeça é muito desafiador, pois percebi que muitas pessoas que sofreram nessa época, buscam viver hoje mais distanciados em nossas Aldeias Pataxó. Muitas vezes vivem quietinhos em suas casas, apenas cuidando de sua roça, mas sabemos do que passaram e estamos cientes de sua participação política na época, de firmar os pés para a garantia deste Território, foram necessários para a afirmação da estrutura do Território Pataxó. Os Indígenas da Aldeia Barra Velha, muito ainda continuam vivendo em beiras das praias, entre caraíva e Corumbau. Fui até o Sr. José Ferreira, filho de Dona Josefa. Ele iniciou no ano de 1975, com mais 40 anos de experiência de liderança, a maior parte de cacique em Barra Velha, relatou um pouco sobre a busca para garantir a Terra de Barra Velha:

A história do Honório que era avô de Tururim, aí bem desse tempo do Honório para cá já tinha esse negocio dessa questão de terra, que os índios viviam aqui dentro, sempre viveram. Só que não tinha esse negocio de uma certeza de onde que era lugar deles próprio para morar, eles viviam assim assustados, uma hora o pessoal dizia que era da gente, outra hora dizia que era de não sei de quem, era do governo. E a gente ficava sempre naquele susto de um dia, a gente podia perder esse território.

José Conceição, entrevista feita, setembro de 2016.

É visto através dos jornais, após o acontecimento do ano de 1951, que o Povo Pataxó era desconhecido pela sociedade e vivia excluído pelo governo, sem reconhecimento de sua identidade, não tinha nenhum apoio para a expectativa e nem perspectiva de seu grupo. Sabiam que era descendentes de Pataxó, mas não ousavam assumir, pois nada os favorecia naquele período.



No depoimento da Liderança José Conceição, percebe-se que naquela época, toda a vizinhança reconhecia essa descendência, mas não pensavam que pudessem recuperar esses valores como legítimos Pataxó. O que pude perceber era que todos os atormentavam com as falas incertas, quando o Senhor José, ressalta, *“eles viviam assim assustados, uma hora o pessoal dizia que era da gente, outra hora dizia que era de não sei de quem, era do governo”*. Com o conhecimento leigo que tinham, por falta de informações, vejo que criava uma confusão na cabeça. Diante disso, como lutar por uma terra que muitos atormentavam?

Com falas que parecem ser positivas, mas que às vezes nos apavoram? E de outro lado, como ter certeza disso se tudo que tem é um grupo de pessoas com memórias adormecidas? Sem suas práticas ou qualquer outra orientação que os-favorecessem? Com essas incertezas, dúvidas, inquietações e os rodeavam? Como dar o primeiro ponto de partida para a luta da terra? É uma atitude muito difícil, quando o vento é contrário em todos os sentidos. É visto que não havia nenhum apoio de organização institucional em favor dos Pataxó, se não havia nenhum apoio, conseqüentemente os Pataxó estavam totalmente excluídos de qualquer orientação que pudesse ter uma luz para as suas questões da Identidade e reconhecimento de suas terras, apenas ouviam falar que tinham Direito.

Na entrevista com José Ferreira podemos ver que existiam pessoas que tomavam a frente dessas discussões de ser índio ou não ser. Honório, que segundo o seu Zé é avó de Tururim, toma frente dessa questão, e rodeado por várias incertezas busca apoio em ir às cidades que vislumbravam encontrar governantes para tratar da reivindicação de seus Direitos Indígenas.

Muitas vezes a gente está procurando resolver uma coisa sem a intenção de prejudicar, mais a gente não sabe o que mora dentro do coração de ninguém para saber.

(José Conceição, entrevista feita, setembro de 2016).

Essa fala é muito relevante para entendermos que a vontade política é uma arma muito forte como poder de decisões. Ouvindo que tinham direitos às terras de seus antepassados, segundo o relato de José, Honório e os companheiros viajavam ao Rio de Janeiro na tentativa de sentar com o Governador.

Com muitas tentativas em tentar falar com o Ministro no Rio, Seu Zé conta que eles já na volta para casa, foram abordados por dois homens que se diziam do governo e que, a pedido do Ministro, eles iriam demarcar as terras deles.

Muitas pessoas que ouvem falar a causa da história de massacre de 1951, podem ignorá-la e podem pensar ainda de como foi ingenuidade da parte dos Indígenas deixarem ser enganados por dois salteadores. Ao ouvir José Conceição contar essa história, contudo, vemos que não foi tão fácil assim se deixarem ser enganados. Primeiro porque estavam muitos dias fora de casa, aqueles líderes estavam desgastados. Como sempre dizem com os olhos cheios de lágrimas, sabiam que saiam de casa, mas não sabiam que dia iam chegar, sem horas para almoçar ou jantar.

Por outro lado, saíram e foram para terra desconhecida, em todos, os sentidos. Afinal iam na tentativa de serem ouvidos pelo Governo. O governo hoje, bem conhecido por nós Indígenas e sabemos que é um espaço político, competitivo com diversos interesses. Mas consegue pensar, como era a situação daquelas lideranças? Consegue se colocar no lugar delas? Ouvindo seu Zé, percebo que foram encontros humilhantes, primeiro porque não tinham armas em seu favor, tiveram que implorar para que representantes institucionais os atendessem e, como conta a história não foram atendidos.

A História dos Pataxó é construída com o poder da oralidade. E por sempre tratarem com igualdade, acreditaram que poderiam confiar nas palavras do Homem Branco. A partir daí começa uma história de resistência, uma luta que marcou a história do Povo Pataxó para sempre.

Assim, neste cenário, com tantas viagens dos representantes líderes da Aldeia para o Rio de Janeiro, em busca de falar com o Ministro, para buscar meio que pudessem assegurar as terras que foram de seus antepassados, os indígenas foram enganados por ladrões que se diziam ser do Governo. Estes homens disseram que, a pedido do Presidente da República, tinham vindo para dizer que toda a terra do Brasil era dos Índios e que eles podiam fazer o que quisessem. Em seguida pediram para alguns Pataxó para saquear um Mercadinho do senhor Teodomiro Souza, e depois pediram para cortarem o cabo do Telégrafo. Sendo assim, os mais velhos contam que em meio a esse início de desavença, os policiais tanto de Porto Seguro como de Prado foram acionados, com a informação que os Indígenas estavam roubando o fazendeiro Teodomiro.

Na inocência iniciam uma guerra que marcaria nosso Povo pelo resto da vida, passada e contada de geração em geração. Logo de 51+, nome criado pelo mais velhos da Aldeia, que hoje contam a história com lágrimas nos olhos. Trazem, ainda hoje, em pleno século XXI, ano de 2016, marcas de uma história sofrida, o preço que pagaram sem merecer. Manoel Santana, que mora na Aldeia Boca da Mata, senhor Antônio Fumo, de Barra Velha, Dona Conceição, moradora da Aldeia Pará, ancião Tururim, Palmiro, Dona Orana, entre muitos

outros (...).

Pessoas relatam cenas de Crianças, correndo chorando atrás da mãe na aldeia, os velhos sendo pisoteados por cavalos, mulheres sendo estupradas na frente de seus esposos, e todos tentando fugir mata à dentro, enquanto suas casas eram queimadas pelos militares do estado da Bahia.

Após a data de 1951, o Povo Pataxó desapareceu por alguns anos, pois temeram retorna para o lugar do massacre. Meu Pai conta que ouviu falar de seu pai, que nesse período, muitos de seus conhecidos desapareceram. Com este acontecimento, meu avô João foi pego pelos policiais e levado preso. Meu pai conta que meu avô quase foi morto, pois quando o pegaram ficaram discutindo entre si sobre o que fariam com ele. Acabou que eles resolveram deixar meu avô preso. Meu avô, naquela época, sempre se dedicara à sua religiosidade com profundidade, e que, na maioria das vezes, tinha sempre apoio em suas rezas, que aprendera com seu Pai.

Ao ser preso meu avô foi levado para um quarto escuro, com as mãos e pés atados para trás. Ele contou que um sono leve o pegou, e que, naquele momento, foi apresentado uma Cabocla guerreira, que desatou as correntes que lhe prendiam.

Daquela vez só não mataram ele mesmo porque sabia de muita oração. Primeiro pegaram a finada minha mãe e despartaram dele... E como era Policia+, ele não podia resistir, então ele fugiu, fugiu, mas pegaram ele. Pegaram ele, prendeu numa casa lá na corrida. Ae, como o velho sabia de um bocado de oração, prenderam numa casa e.õ amarram numa corda, deitaram ele numa sala, seguro na corda ainda. Por que qualquer coisa que ele levantasse, eles viam ne... Ae, quando ele estava dormindo, antes rezou as orações. E quando adormeceu, no sonho se apresentou uma mulher a ele, e disse: - João o que está fazendo aqui João? Vai se embora João... A porta está aberta... sacode a mão para trás que a corda cai. Nisso ae, ele acordou, olhou para trás...e a porta estava abertinha. Sacodiu os pés e as mãos para trás, por que estava tudo amarrado coitado! As cordas saíram, e ele aqui, Perna. Pensou com ele, é gente, agora vocês não me pegam mais, só Deus agora.

(Entrevista, Adalberto Nascimento, Barra Velha, agosto 2016).

Ao sair daquele lugar, meu avô João Nascimento entrou mata adentro, para tentar sair em

algum lugar que ele mesmo ainda não sabia. Conta que enfrentava matas fechadas que era impossível passar, mas que obtinha ajuda de suas rezas e conseguia passar. Isso durou mais de 02 noites e 02 dias.

Chegava o momento em que o velho não conseguia fugir dos Policiais, pois eram muito que procuravam os indígenas naquela época. Mas com a fé em suas rezas eles não viam o velho, dizia meu Pai. Nessas alturas, eles já tinham percebido que o índio que eles tinham prendido não era qualquer índio, e disseram então que se pegassem o velho agora, seria para dar fim à vida dele.

...Passou duas noites na mata, dois dias... A comida que ele comia era broto de mato... até que ele saiu lá no Rio de frades, lá morava um pessoal deles também. Saiu pra lá que quando chegou na fazenda de um tal de Archimed, como eles andavam por alí tudo o fazendeiro conheciam eles já.

(Adalberto Nascimento, entrevista feita, Barra Velha, agosto 2016).

Quando o velho João Nascimento conseguiu sair daquele perigo e encontrou a Fazenda de seu amigo, ele contou o que tinha passado com ele e com seu povo, e o senhor Archimedes disse pra ele ficar ali o tempo que achasse necessário, que ninguém faria mal pra ele.

Meu pai conta que meu avô ficou ali um bom tempo. Quando ele já sentia saudade de seu povo e que queria voltar para ver como estava o seu lugar de origem, ele assim também recebeu apoio de seu amigo, que mandou seus vaqueiros irem olhar a Terra de Barra Velha, buscando saber se os policiais já deixaram o lugar. Em umas dessas idas ouvi se a confirmação de que eles já tinham deixado a aldeia.

...quando acabou a revolução do pessoal ae... Depois saiu ajuntando de novo... ele ficou bom tempo lá, depois que calmou as coisas... Ele colocou gente pra vir olhar ainda, esse Archimed, ainda colocou gente pra vir cá, como estava a terra. Quando chegou, topou tudo silêncio, não viu mais ninguém, Índio nenhum. Então ele voltou de novo, ae foi que ele disse para o finado meu pai.

(Adalberto Nascimento, entrevista feita, Barra Velha, agosto 2016).

Segundo meu pai, meu avô tinha condições de permanecer na fazenda, pois era muito

amigo do proprietário, mas optou a retornar e começar do zero, pois queria estar junto de seus pais e achar sua mulher.

E, assim aconteceu com muitos outros parentes daquela época, pelo fato de haver uma boa relação com pessoas da redondeza, donos de comércio, conhecidos e até mesmo lugares que tinham identidades indígenas, por haver pessoas que tinham familiares aqui em Barra Velha, mantinham uma boa relação entre si.

Numa tarde do dia 06 de agosto de 2016, com o céu parcialmente nublado e o vento soprando do Sul, ouço o barulho do mar e percebo que de acordo os conhecimentos dos mais velhos, o mar está enchendo e o sol quase se pondo. Sentei-me em um tronco de pé de caju para conversar com uma liderança mais velha, o Sr Antônio Fumo.

Isso eu era criança e aqui eram poucas famílias eram 10 famílias parece em Barra Velha... foi juntada 10 famílias né. Todo mundo esparramou na hora da guerra né, e ai foi juntando de pouco a pouco.

(Antônio Ferreira, entrevista feita, Aldeia Barra Velha, Julho 2016)

Um das alternativas que assegurou a sobrevivência do nosso povo, após terem resistido às perseguições dos policias, e não terem se tornados extintos, foi a sua relação com essas pessoas, que aparecem nos relatos do meu avó, e de outros, como o Sr. José Conceição.

Quando eles retornaram, o desafio era erguer tudo novamente, em meio aos traumas que tomavam as mentes, das sequelas de perdas e maus tratos por parte do Governo. Seu Antônio me contou um pouco sobre esses momentos em que tiveram para chegar aqui e recomeçar tudo novamente.

Numa das entrevistas, seu José Sales, conhecido como ~~Reigas~~, menciona um fato muito importante, de que não foi tão fácil esse retorno, muitos vieram, mas poucos conseguiram ficar. Os indígenas, Manoel Fragoso e sua esposa dona Zabelê, por exemplo, não conseguiram ficar mais, pois não conseguiram superar o trauma que passaram.

O pai dele aqui (aponta para Sr Zé Ferreira) o finado Cosme e o Marido da Zabelê, Manoel Fragoso...os índios presos em Caraíva, amarrados. Eles batiam nos índios e jogavam agua salgada, pegava o pai dele e o Manoel fragoso, colocavam um porco de mais de 4 arroba e atravessavam num pau e fazia eles levar de Barra Velha à Caraíva...e quando eles cansavam, pegavam vara da lagoa e batiam

neles. O Pai dele já morreu, o Fragoso ainda está vivo que pode contar para vocês o que aconteceu com ele. Depois dessa vez ele ficou tão decepcionado+que na Aldeia não quis morar mais.

(José Sales, entrevista, feita, 21 de Setembro,2015, UFMG).

Assim, diante do trágico acontecimento, muitos fugiram e não voltaram mais. Muitos se uniram às suas famílias e foram para outros lugares das redondezas, ou mais distantes, tentar uma nova vida. A partir daí surgiram novas aldeias.

Nascimento conta que, quando passou tudo isso, meu avô João Nascimento fez um lugarzinho para morar mais para dentro da Mata, que é hoje a atual aldeia Campo do Boi. Ele diz que seu pai procurava um lugar para sustentar a sua família, fazendo a prática da agricultura.

...não sabia onde andava o pessoal dele, então saiu procurando. Aí topa mãe aqui, o filho cá adiante, até que ajuntaram tudo de novo. Dessa época ele ficou lá no campo do Boi, aí ele abriu+o Campo do Boi, foi fazendo roça lá.

(Adalberto Nascimento, entrevista feita, Barra Velha, agosto 2016).

Ele conta que quando morou lá, era primeiro seu pai com a família e depois foi também morar a dona Ana, mãe de D<sup>a</sup> Zeza. Nesse tempo, ainda não era conhecido por nome Campo do Boi, que esse nome foi dado após eles retornar de lá. Perguntei a ele porque do nome, ele disse que os mais velhos contavam que lá, toda manhã e tarde, ouvia um mujido de um bicho como se fosse um boi. *naquelas matas, berrava que nem Boi: Môô...Aí botou o nome Campo do Boi, cansaram de ver esse bicho berrando, mas não tinha Boi não. Era algum ouro, uma visagem... comenta.*

Nesse período, quando a Aldeia passou a ser chamada de Barra Velha, os documentos históricos registram que os Pataxó que aqui viviam eram totalmente esquecidos pela sociedade dos brancos, que existiam mais ou menos uns 115 Pataxó que se alimentavam de Farinha e Caranguejo do Mangue, porque não tinha autorização do IBDF- Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, organização que o Governo Federal criou para cuidar do Parque Nacional do Monte Pascoal . para realizem atividades de agricultura, caça e coleta no parque, criado encima do território tradicional Pataxó.



Figura 7. Recorte de jornal sobre o processo de demarcação da TI Barra Velha, de 1982.

No recorte lemos: *Salvador(...) entre o Monte Pascoal e o Mar de Barra Velha a 10 léguas de Porto Seguro ainda sobrevive 150 índios da tribo dos Pataxós, cujos antepassados receberam Cabral, mas já estão certos de que não viverão por muitos anos mais. Apesar de cercados por uma rica Flora e Fauna variadíssima.*

### 1.5. Luta e resistência Pataxó e a Criação do Parque Nacional Monte Pascoal



Figura 8. Ritual Pataxó na aldeia Pé do Monte. Foto do autor, 2016.

*Barra Velha pede licença que hoje queremos andar,  
Vencer a nossa batalha aonde nós se criou,  
queremos deitar.*

Canto Pataxó entoado pelo Ancião Tururim

Diante do modelo de usurpar das terras Indígenas, e para garantir aos Pataxó seu o direito a sobrevivência, os mais velhos, lideranças, não abaixaram a cabeça, muito pelo contrário continuaram a luta pelo seu território. O maior desafio na década de 60 foi resistir aos guardas do IBDF, pois estes tinham um discurso de preservar a área construída como Parque, e de forma agressiva oprimiam os Pataxó que aqui estavam.

Isso gerava consequências ruins para os nossos parentes, pois eram impedidos de realizar suas atividades produtivas tradicionais, (construir pequenas roças, caçar, retirar palmeira), e isso criava uma grande desavença, pois o Cacique da época, Tururim, grande líder Indígena, batia de frente com o chefe, já que o IBDF tratava os indígenas com desrespeito, sem mínima consideração. Como ele dizia na entrevista, *%odos queriam ver o índio em modo Kukey<sup>11</sup> †*, e isso ele não gostava.

Em umas dessas conversas de Tururim com o chefe do da guarda do Parque, o velho cacique disse que logo acabaria com essas brigas, pois eles estavam lutando e que com menos delonga a terra de Barra Velha seria demarcadas. O chefe do Parque, disse que não acreditava, e que se um dia houvesse de acontecer, em demarcar a TI Barra Velha, ele mesmo vestiria uma saia para verem. Sabiamente Tururim, disse que não estava falando nada disso, mas que ele se arrependeria do que dissera naquele dia.

Tururim é o grande herói Pataxó, uma liderança reconhecida nas diversas aldeias por sua importância, sua força de guerreiro e seu espírito de lutador e por dedicar a maior parte de sua vida à luta pela terra, chegando a deixar a sua família na Aldeia Barra Velha, antiga Aldeia Bom Jardim, e sair a pé para Brasília, em busca de resposta demarcatória da Terra Indígena de Barra Velha. Meu tio Rufino conta que também fez muitas viagens à Brasília com seu sub-Cacique, chamado Alfredo Braz, e outras lideranças da época, o que não era nada fácil e ressaltam que saiam da Aldeia com a certeza daquele dia e, que não tinham o dia e nem hora de voltar, pois todo o percurso era feito a pé, como dito anteriormente.

Sem a certeza em que hora iam comer, meu tio relata que saia de casa apenas com um pouco de farinha num embornal, eles iam pela mata por dentro de Barra Velha para sair na BR, contando com a sorte de pegar carona para chegar pelo menos em Governador Valadares para adiantar a viagem. Quando isso não acontecia, eram muitos dias de viagem pelas estradas caminhando.

A alimentação muitas das vezes era um punhado de farinha com banana verde que encontravam em pés de banana nas beiras das estradas, às vezes eram obrigados a

---

<sup>11</sup> : Kukey: Na língua Patxohã, significa Cachorro.



aguentar dias com aquele tipo de alimento.

Entre 1950 e 1960, após muitas idas e vindas às cidades em busca de reivindicar os direitos, segundo o cacique velho da aldeia, houve a primeira vinda do Governador para uma reunião ao Pé do Monte Pascoal, para tratar das questões com os líderes Pataxó do entorno do Parque Nacional do Monte Pascoal. Ele conta que, nesse dia, reuniu toda sua equipe de liderança de Barra Velha para falar das dificuldades que vinham passando. Importante ressaltar que Tururim ressaltava que nesse dia levou várias mulheres, lideranças Pataxó. Ele cita o nome de Dona Maria Coruja, Luciana, Maria Rosa (que faz questão de citar que é a mãe de Dona Santa) e dona Anastácia. Todas essas mulheres tinham um grande potencial nos cânticos que traziam forças para lutar e batizar lugares que consideram como sagrados para o Povo Pataxó, e essas líderes tinham ido especificamente para essa função no encontro com o governador. Foi uma reunião de muitas horas, tratando da questão ambiental e territorial da Terra Indígena dos Pataxó. Ao ouvir as questões, Tururim conta que o Governador virou para ele e os demais líderes que estavam presentes, dizendo que logo resolveriam a questão de demarcação de Terra do Povo Pataxó de Barra Velha e que assim o Povo Pataxó descansaria, podendo viver em melhores condições.

Antes da reunião os Pataxó reuniram para o awê, e o cântico recitaram ficou marcado na memória do processo de demarcação da TI Barra Velha: *Barra Velha pede licença que hoje queremos andar, vencer a nossa batalha aonde nós se criou, queremos deitar*. Tururim ressaltava que esse canto foi uma estratégia de marcar o território Pataxó, que através das lideranças mulheres pudessem consagrar aquela Terra.

Foram muitas lutas, situações difíceis, perambulando pelas estradas até Brasília, diz ele, mas que isso foi determinante para haver aquela reunião. Ele disse que após este fato, teve a oportunidade de encontrar o chefe do Parque, e com os panos em mãos, entregou a ele para que pudesse cumprir a promessa que fez anos atrás, isto é, que vestisse de saía.

Após as décadas de 70 e 80, os Pataxó já tinham conseguido uma parcela de seus direitos. A confiança, autoestima firmaram, pelas conquistas alcançadas. Momento importante, que facilitou a adquirir mais conhecimentos e forças dentro do território para continuar a lutar pela demarcação.

O Cacique Braga, relata a importância de ter criado uma Aldeia Pataxó no Pé do Monte Pascoal. Braga conta que desde pequeno costumava acompanhar seu pai, ouvir as histórias de resistências, da luta que ele juntos com as lideranças mais velhas de Barra Velha passaram. Conta que quando começou a viajar com as lideranças, na idade de seus 16

anos, sempre vem tomando rumo sua vida para organizar uma comunidade. Até mesmo ele fala que após uns anos ele começou a sentir aquela vontade de ser um cacique e sua história começa mais ou menos por aí.

Em Boca da Mata houve uma reunião importantíssima com o conselho de lideranças que já existia na época, para pensar em ações que levassem a reconquista de viver dentro da terra que se tornara Parque:

Rapaz, quando nós reunimos aqui para nós vir pra cá nós fizemos uma reunião em Boca da Mata, 17 e 18 de Agosto de 1999, ai vieram cacique, tinha um presidente do conselho de cacique, era Nailto lá do Caramuru, mais outros parentes de Aldeia Velha, Coroa Vermelha e Mata Medonha.

(Oziel Santana, entrevista feita, Pé do Monte, agosto de 2016).

Braga frisa o momento em que se tomou o rumo para tomadas de novas decisões que pudessem decidir a situação do Parque, como supracitado. A reunião datada dia 16 a 18 de agosto de 1999 foi quando houve a Assembleia Geral do Conselho de Caciques na Aldeia Boca da Mata, na qual contou com a presença de representantes dos Povos, Tupinambá, pataxó Hãhãhãe, Pataxó de caramuru, Pataxó de coroa vermelha e região de Prado, entre outros. O maior intuito do momento foi para tratar da ampliação e recuperação do território tradicional entre as áreas que compreendeparte das aldeias Boca da Mata, Barra Velha, Corumbauzinho, Meio da Mata e Águas Belas. Segundo reportagem do CIMI deste período:

E na Carta do Povo Pataxó às Autoridades Brasileiras afirmam que %Depois de muita conversa bonita, cansados de esperar por nossos governantes, e conscientes que, o suposto Parque Nacional está dentro dos limites de nossa terra, conforme a história de nossos anciões, decidimos imediatamente RETOMAR o nosso território, neste dia 19 de agosto e 1999, protegidos pela memória dos antepassados, protegidos pelo direito constitucional (...)+ Solicitam que a Procuradoria da República e a imprensa em geral acompanhem os trabalhos de retomada das terras do Parque (Fonte. CMI, 2000).

Ou seja, a decisão das lideranças presentes na reunião em 1999 foi de retomar o Parque Nacional a fim de pressionar o governo a acelerar o processo demarcatório das terras que

estavam paradas no ministério da justiça, quais sejam, TI Comexatiba, ampliação da TI Barra Velha, e as Terras Indígenas dos Pataxó Hãhãe e Tupinambá.

Nesta reunião eles trataram toda a estratégia de como de como eles chegariam e permanecer no Monte. Quando decididos, foi o momento de preparar a espiritualidade. Ele conta que reuniram as mulheres guerreiras que estavam presente no momento da reunião, e começaram a relembrar do período lá atrás, das danças e cantos dos mais velhos quando entoavam seus cantos no momento de embate por seus territórios:

...Puxamos o Awê de todo canto a fulana cantava assim Maria Coruja, Zabé a irmã de Maria Coruja, Santinha como e que ela cantava, ai todo mundo lembrava e cantava.

(Oziel Santana, entrevista feita, Pé do Monte, agosto de 2016).

Após toda esta preparação, ficaram decidido de vir as três horas da madrugada pelas matas para a pedra do Monte. Eles saíram juntamente com outros parentes das Aldeias que estavam apoiando a realização daquela retomada. Braga conta que no dia estavam previstos que todos chegassem no Monte as 5 horas da manhã. Quando ele chegou, levou um susto, pois os demais ainda não haviam chegado, pensou então que os outros tinham desistido, mas logo depois outras lideranças chegaram. Ele conta que ao chegar na gurita<sup>12</sup>, eles prenderam os guardas do Parque e os levaram para o Céu Azul, uma casa de pesquisa que existe dentro do parque para visitaçãõ.

Após aquele momento, Braga conta que todos foram se pintar, fazer as pinturas no rosto e ficar de posição de guerreiro, e, nesse dia, ele disse que começou a chover muito, para ele foi uma benção do guerreiro, fazendo com que a terra fosse refrescada. Foi como o mundo estivesse se sentido alegre naqueles últimos dias.

Oziel conta, que o maior desafio, foi enfrentar o proprietário da fazenda que havia ao redor do Monte Pascoal, por nome Barbosa. Braga compara o homem como carne de cabeça, forma que ele usou para dizer que não seria tão fácil ganhar esta luta da ocupação do território:

Hoje eu dou valor ao trabalho de meu pai, por que se não fosse ele, se não fosse esses outros índios mais velhos que já morreram hoje nós não estávamos aqui, por que o dono desse lugar aqui, sabe Ibuí, e qual o seu nome? Iraia, o dono o cara que morava aqui, o Barbosa,

---

<sup>12</sup>

Gurita: Nome denominado ao lugar que existe uma porteira, ou portão.

era carne de cabeça, era uma carne de cabeça, não gostava de índio nem por brincadeira.

(Oziel Santana, entrevista feita, Pé do Monte, Agosto de 2016).

Conta que os primeiros dias na terra ocupada não foram fáceis, pois eram toda noite repreendidos por polícia a mando do IBAMA, para que pudessem retirar eles dali. Logo após terem resistido alguns meses, ele conta que foi encaminhado ao governo do Estado um pedido de retirada dos Pataxó daquela região por Dra a Carmem, na qual foi negado pelo Coronel, que alegou que até o presente momento não tinha a legalidade para retirar os Indígenas da terra. Mas Braga conta que também outro grupo de lideranças não saiam da FUNAI, pressionando que pudesse fazer ponte com esse diálogo para viabilizar a situação dos Pataxó que estavam no Parque.

Para Oziel, a forma em que asseguraram a permanência deles ali, foi a negociação entre a FUNAI, Ministério do Meio Ambiente, IBAMA e %lonos+ da propriedade na pessoa da Drª Carmem (Filha do fazendeiro que cuidava dos negócios de seu pais falecido). Que concluiu na criação da carta de acordo de boas intenções tanto para as comunidades Pataxó em torno do Parque entre o IBAMA, FUNAI e Fazenda. Cabendo assim a FUNAI fazer o processo de indenização das terras ocupadas por eles:

...até hoje já estava com 17 anos e a FUNAI não acertou com ela ainda, mais isso é problema deles para lá eles se viram, eu quero ficar despreocupado, trabalhar e ter esse conhecimento para não deixar o governo e nem o fazendeiro me roubar, mais do que ja roubou nossas terras, por que o que digo para os meninos é o seguinte que os primeiros ladroes são o governo o governo roubou as nossas terras para vender para os fazendeiros, né essa e a verdade.

(Oziel Santana, entrevista feita, Pé do Monte, agosto de 2016).

O acordo, quando o cacique Braga comenta em sua entrevista, foi uma conquistada com muito esforço para o povo Pataxó, nos documentos trazem mais clareza do que estava querendo explicar. Os Pataxó, Tupinambá e Pataxó Hãhãhãe, pós retomar o Monte Pascoal dividem em duas comitivas para pressionar a FUNAI em Eunápolis e Ilhéus a fim de negociar com o Ministério do Meio Ambiente a permanência deles na área.

Diante disso, os Indígenas pressionando a representação institucional através das manifestações nas cidades de Itamarajú, Eunapólis e Ilhéus. Após muita pressão dos Pataxó e os demais, em 24 de Maio de 2000 é publicado o documento de comum acordo para firmar o termo de cooperação, de acordo com a Instrução Normativa nº 01/97 do STN e com a Lei nº 8.666 de 21 de junho de 1993, entre o Ministério da Justiça, IBAMA, FUNAI, Comunidades Indígenas e Ministério do Meio Ambiente.

É interessante frisar que diante dessas normativas de cooperação, a negociação com o governo, houve critérios que visavam assegurar a permanência dos indígenas na região, como também a preservação do Parque nacional, uma vez que teoricamente era a intenção que pregava pelo governo, que com isso foram aplicados alguns convênios de conformidade com as cláusulas criadas. Segundo o texto, o objetivo era:

Alocar os recursos técnicos e financeiros previstos no aporte adicional para os Pataxó no Projeto Agenda Positiva para o Setor Florestal do Brasil, e outros recursos que por ventura vierem a ser consignados em cada plano, programa ou projeto formatado no âmbito deste instrumento, observando o cumprimento de seus respectivos cronogramas físicos -financeiros;

Lideranças indígenas Pataxó responsáveis pela coordenação dos trabalhos, elaboração, escolha e implementação dos planos; Agir em estreita cooperação para garantir a conservação e a recuperação dos ecossistemas conferindo máxima proteção aos limites da Unidade de Conservação Parque Nacional Monte Pascoal;

(Minuta Monte Pascoal, Termo de Cooperação criado pela Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, alterada pela Lei nº 9649, de 27 de maio de 1998 e Medida provisória nº 1795, de 01 de Janeiro de 1999).

Após a retomada do parque em 1999, os Pataxó ficaram no compromisso de preservar o parque com o apoio da gestão e parceiros nas instâncias federal, estadual e município. As construções de propostas e cooperação técnicas para a gestão compartilhada com as intuições supracitadas visando o consenso com as comunidades foram acordadas.

A maioria das atividades do acordo compartilhado continuou até o ano de 2005 a 2006, visando a continuação pelas comunidades Indígenas, a fim de se tornar autônomos naquilo que buscavam integrar a participação direta na contribuição para a preservação do

território em torno do Monte Pascoal. Muitas formações foram feitas, capacitações, projeto as comunidades pataxó.

É pertinente citar que o Cacique Braga, em sua fala, diz que a mudança de representantes das organizações, tanto da FUNAI, ICMBIO, fez com que as coisas fossem tomando outro rumo. As parcerias foram ficando fragilizadas, até mesmo por que os métodos dos gestores de antes, não eram a dos recentes. Isso dificultava a gestão do território. Atualmente a aldeia Pé do Monte a comunidade mais próxima à sede da administração do PNMP, durante estes últimos 3 anos, vem restabelecendo a um trabalho sócio produtivo importantíssimo. A Associação comunitária do Pé do Monte, na qual tem como atual presidente, Tohõ Pataxó, um jovem que junto às lideranças das comunidades vem dialogando de formar que haja intervenções de medidas sociais, através de projetos para a comunidade Pataxó. Esta associação são uma das de várias outras que estão na captação de projetos para Aldeias que estão dentro do PNMP.

Recentemente esta associação foi contemplada com a aprovação de um Projeto pelo governo do estado através da CAR que atenderá mais de 40 famílias fomentando a criação de mudas nativas da região, de forma que terá já o próprio comprador, atendendo ainda o reflorestamento dos rios e nascentes da região do parque.

A Aldeia Pé do Monte ainda não é regularizado, de forma que não torna ainda satisfatória para a comunidade, pois, a briga para a regularização da área ainda não é suficiente e aceitável para o modelo e construção do território. Sempre buscamos dialogar com o ICMBio para manter uma boa relação, não tem sido uma tarefa tão fácil, pois a visão de alguns representantes que por aqui passam, vem com uma visão que não entende o nosso jeito de trabalhar de forma que não contempla a demanda do nosso território indígena.

(Oziel Santana, entrevista feita, Pé do Monte, Agosto de 2016).

Diante desta situação é cabível dizer que a cada momento as duas interlocuções, comunidade pataxó (aldeias entorno do monte pascoal) e instituição (FUNAI, ICMBIO) precisam continuar a dialogar, construindo uma maneira de intervenção que de fato atenda a metodologia cultural indígena, se adequando aos meios de preservar e cultivar o território. Sendo assim, o interesse institucionalizado, pronto, prontamente dito, não acarretará nas relações dentro da terra, que fará obter um bom resultado nas atividades que remete a estrutura de um território em que as comunidades Indígenas plantem, caçam, pescam sem

discriminação institucional, buscando a estrutura de organização em que são compartilhada e dialógica. Amenizam os conflitos, sempre buscando o rumo para manter-se em pacificação.

Oziel , em suas palavras disse que o propósito de sua vinda com a família para Pé do Monte foi para fazer plantações , pimenta, banana. Cacau, etc. alimentos que possa trocar vender e dar para os parentes, por que ele frisa bem em sua entrevista, que para fazer uma retomada a comunidade tem está disposta com objetivo em fazer suas plantações não tem que ser de qualquer jeito:

Teve uma liminar para retirar nós, ai eu falei assim, poxa será que vai tirar nós para voltar de onde eu vim, ai tudo que eu tenho plantado hoje Ibuí hoje eu tenho 4 tarefas de cacau está tudo plantado, tudo bonito e hoje se fosse vender estava no valor de quase uns 40.000,00, está entendendo? Eu tenho 4 tarefas, então eu já imagino sair hoje daqui, pois o que eu já fiz hoje já tenho plantado hoje se eu sair hoje deixar tudo para traz. Por isso que eu pego muito com Deus para nós nunca sairmos daqui.

(Oziel Santana, entrevista feita, Pé do Monte, Agosto de 2016).

Com o mesmo pensamento do cacique, existe demais indígenas que vive nesta região hoje com a mesma situação. Sempre na mira do governo, muitas vezes geram dúvidas à respeito do Território Pataxó. Mas os trabalhos desenvolvidos dentro do Parque nacional pelos Pataxó são muito importante. O Trabalho do Etnoturismo tem sido gratificante, pois tem dialogado diretamente com os órgãos ambientais, de forma contribuir para a degradação ambiental. É sabido que nem tudo as comunidades Indígenas podem fazer, mas que o diálogo, como dito pelo Cacique Oziel, do governo para com os Povos Indígenas, possam ajudar as comunidades desta região a dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido.

## **Segunda Parte**



## 2: Histórico de Caraíba através da Oralidade dos Anciões Pataxó.

Caraíba está localizada a duas horas de viagem da cidade de Porto Seguro. Para quem vem do Espírito Santo, Caraíba estará 06 quilômetros da vila de Corumbau. Tanto Caraíba como Corumbau são vilas que possui atividades pesqueiras. Constituem, respectivamente, os limites norte e sul da Terra Indígena Barra Velha.



**Figura 9. A Comunidade Caraíba em 1970. Acervo pessoal de Maria do Carmo**

Os mais velhos da Aldeia Mãe Barra Velha, contam que Caraíba, em sua história tem uma importância grandiosa que ajuda a entender a relação social, econômica e histórica, entre moradores deste lugar com aos Pataxó de Barra Velha. Relação interessante com os Pataxó da aldeia, talvez por familiaridade, amigos etc. Mas que nos ajuda a entender a complexidade do convívio atual, entre índios e moradores da vila, pois o resultado desta relação tem sido fragilizadas com a nova geração dos nativos e novos proprietários de terras de Caraíba, causando algumas divergência, atritos, que por motivo da relação antiga não ser a mesma de antigamente.

Tururim falou de muitas coisas que mesmo escrevendo, não consigo transmitir a verdadeira intuição, uma vez que ela é complementada por emoções vividas naquele período.

Caraíba tinha muito nativo, juntou eu e a comunidade e resolvemos deixar um pedacinho de terra pra Caraíba, só que Kayambá é muito

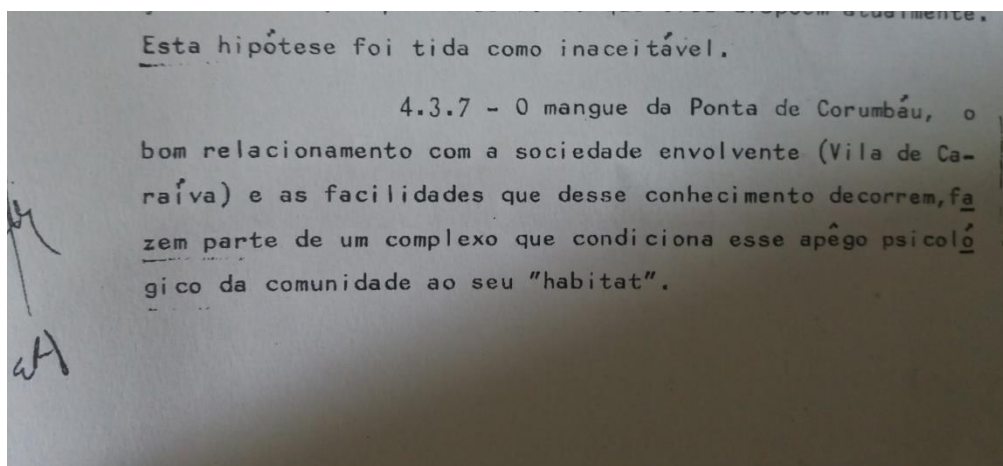
ganancioso e foi vendendo seus pedacinhos de Terra... onde dali pra cá é nosso, dali pra lá é de Caraíva.

(Tururim, entrevista feita no Xandó, em 25 de Fevereiro de 2015).

Após eu ter me sentado de frente para Tururim para ouvir suas histórias antigas, ele me falou de muitas coisas, pois para nós indígenas é assim que falamos com um conhecedor da história, primeiro você pára pra ouvi-lo, segundo ele pergunta o que você quer que ele fale.

O Cacique velho estava se referindo ao período em que aconteceu a demarcação da Terra Indígena Barra Velha, que ocorreu, como vimos, após muitas andadas em diversos lugares. Tururim conta que, quando a FUNAI veio fazer a demarcação física da terra, eles reuniram as lideranças para junto fazer este trabalho.

Encontramos registrado no Processo demarcatório da TI Barra Velha uma pista sobre a relação entre índios pataxó e os moradores de Caraíva:



**Figura 10. Registro do Processo Demarcatório - TI Barra Velha MEMO. Nº 553DGPI. 23/08/82**

Estudando o Processo demarcatório da Terra Indígena Barra Velha, datado de agosto de 1982, encontramos citações nas quais eram colocadas de forma positiva esta relação com os moradores de Caraíva com os Pataxó de Barra Velha. Na entrevista, Tururim, conta que todos eram da família, pois todos se respeitavam e isso se constituía um laço muito forte de convivência entre eles, e isso era a razão de manterem eles próximos.

Buscando investigar mais a fundo essa relação, vi que na entrevista com a liderança Antônio Fumo, há a seguinte afirmação, *Tururim, Chiquinha, Chiquinha e o velho Edim, conta um bocado de história também o Edim de Caraíva, ele vendeu muita roupa para nós de chita. O*

*Edim tem história de Barra Velha+* Percebi que existia não somente uma relação próxima como também existia um processo de compra e venda na época, porque segundo o senhor Antônio, a única venda que existia por perto era uma que existia em Caraíva que era do Senhor Oretim. Essa relação próxima, também apareceu quando ele fala que algumas pessoas velhas de Caraíva conhecem muito bem a história da Aldeia Barra Velha.

Ele também conta um fato muito interessante, diz que sua avó, dona M<sup>a</sup> Mulata, era nativa de Caraíva, e que também tinha uma relação de parentesco bem próximo de moradores do assentamento Limoeiro. Compreende-se um pouco essa relação tão próxima entre os indígenas da aldeia com os nativos de Caraíva e a sua redondeza, porque de alguma forma muitos tinham o parentesco familiar forte com essas pessoas, e em outra entrevista o Sr. José Ferreira, que também já foi cacique da aldeia e neto de Dona Josefa, conta que existe uma família que residente hoje na Aldeia Barra Velha que foi praticamente vinda de dentro de Caraíva, pois ao se casarem e por um deles ser criado por filho de índio da aldeia, acabaram vindo para a mesma, mas que até hoje a maioria de sua família mora em Caraíva.

Isto afirma ainda mais o que o ancião Tururim expressou sobre a relação entre os índios e os moradores de Caraíva. Ora parentes de sangue, ora pessoas que conheciam a realidade dos Pataxó, e por causa do estilo de viver, conceito de vida antiga, lidavam de tal forma que trazia um ambiente de companheirismo, respeito e, isso consequentemente influenciava nas atividades cotidianas e suas respectivas ações do que trata a luta dos Pataxó. Não estou dizendo que a relação daquela época era perfeita, como também não estou dizendo que era conflituosa. Ressalvo que, de fato, ambas as partes havia uma relação muito forte no que se trata da vivência respeitosa com entre os moradores, fortalecida através da partilha e do diálogo entre ambos.

## **2.1. História de Caraíva: O que os mais antigos lembram**

Domingo dia 01 de abril de 2017, o tempo estava chuvoso, já fazia uma semana que estava chovendo sem da trégua na aldeia, e de repente neste dia a chuva parou. Então me desloquei até a vila Caraíva, a fim de entrevistar os nativos mais antigos.

Meu pai havia comentado sobre algumas pessoas de Caraíva que eu poderia contar para contribuir com o meu trabalho. E com muito tempo sem andar por Caraíva, fui preocupado onde achar esses sujeitos.

Ao chegar, andando nas ruas, logo ao lado de uma delas, achei o Sr Raimundo José. Zé que com é conhecido pela comunidade, estava sentado em uma rede de frente de casa,

conversando com sua esposa. Zé atualmente tem 47 anos de idade é filho do Sr. Raimundo do Rosário Cardoso, que hoje tem 76 anos, atualmente mora em Caraíva, mas vem da região de Prado.

Ele traz uma abordagem importante, quando diz que todos que hoje estão aqui, saíram de alguma lugar, até mesmo usa o termo *“Antes era aquela coisa, terra não tinha serca!”*, então eles aborda sobre a chegada de seu pai para essa região, que casou com sua mãe que é filha legítima de Índia Pataxó a S<sup>a</sup> *Maria Bendite Bonfim*.

Falar de Caraíva é buscar o passado através das lembranças que esses nativos ainda têm sobre essa história, pois é visto que há um fato que remete a transição do estilo de vida social de Caraíva antes e após a década de 1950, data que estou levando em consideração através dos fatos contadas pelos mais velhos desta vila e dos Pataxó de Barra Velha.

Seu Zé Marreco, conta este fato com muita firmeza, pois já ouvira também dos mais velhos da vila, em que Caraíva existiam um grande poder econômico antes desta data supracitada, pois existia uma Serraria que conseguia atender as demandas do lugar e da cidade de Porto Seguro, Recife, Macaé e Rio de Janeiro. Mora, como diz Senhor Zé era o dono da serraria: *Caraíva foi uma vila que já foi dominado pela uma única pessoa que chamava Moura que era dono da serraria. Conta, que o mesmo empregava a maior parte das pessoas que moravam nela, as despesas do lugar eram todas arcadas por ele, além das questões sociais, pois as informações que passou é que o próprio abriu um cartório em Caraíva que prestava todo o suporte de atendimento a vila.*

Maria do Carmo, conhecida na comunidade de Caraíva como Duca, que está na vila desde 1976, traz um documento importante daquela época, que em dezembro de 1986 houve uma reunião da associação comunitária de Caraíva, onde foi montado um relatório com os demais moradores, a fim de encaminhar a Prefeitura Municipal de Porto Seguro, relatando das vulnerabilidades em que a comunidade vinha passando.

No documento traz um panorama de como os membros das comunidades organizavam. No período conforme o documento existia um latifúndio logo ao lado da comunidade Caraíva, mas que em momento algum oferece trabalho a população local, a leste o mar e ao oeste vastas áreas pertencentes à companhia do vale rio doce, onde também estavam as roças dos habitantes de Caraíva.

## 2.2. Caraíva Velha: Após a Serraria à Vapor do Ano de 1920



**Figura 11. Escombros da antiga serraria. Acervo pessoal de Maria do Carmo**

*Salvar Caraíva*, era o título daquela ata discutida entre os moradores daquela época. Consta que em Caraíva havia sim um poder econômico muito grande da importação de alimentos produzidos nesta região. Através de canoas muitas embarcações saíam da vila para abastecer cidades do litoral. Os principais produtos eram a piaçava, farinha, banana, cachaça (produzida no alambique da corrida do Rio Grande afluente de Caraíva), cana de açúcar, feijão, carne de gado, cacau e café. Todos estes produtos eram provenientes das inúmeras roças rio acima, como mostra o relatório.

Era sabido que logo no início essas importações eram feitas por canoas a remo, levando um tempo de 03 horas de relógio, trajeto *Caraíva x porto seguro*, era assim feito várias vezes no mês.

Relatam também que na data de 1920 em Caraíva já funcionava a serraria com caldeira a vapor, de propriedade o Senhor Algeciro Moura. Empregava mais de 20 pessoas nas atividades internas e, segundo o relatório o maior número de empregados eram em campo, na prática da extração de madeira nativa da região. A prática da extração de madeiras era feitas com o suporte do gado que era do próprio proprietário da serraria, que traziam enormes toras de madeiras até as margens do rio Caraíva e logo depois a correnteza se encarregava de levar os produtos até a Vila. PUTUMUJÚ, PEROBA, SUCUPIRA, CANDURÚ, JATOBÁ, JEQUITIBÁ, OITICIAL, LOURO DE CASCA PRETA, JACARANDÁ, eram espécie mais visibilizadas pelos madeireiros na época. *Caraíva contava com um ancoradouro para recarregar as tabuás e tacos produzidos na serraria*, como dito no

relatório (Pag. 2 do relatório sem numeração).

Provavelmente por conta do grande fluxo de atividade que supriam as cidade e capitais, talvez por isso que no relatório diz o processo de fabricação de grandes embarcações naquela época: *No estaleiro foi construído várias embarcações. O mestre carpinteiro João Ramos de porto seguro construí o barco CARÁIVA, José Vidório de Alagoas construiu o barco JUACEMA que tinham a capacidade de 2600 sacas de cacau. Em seguida foi construído o CISNE BRANCO, que transportava 12 passageiros. Em 1934, após uns anos de estaleiro, João bezerra construiu o Navio+Monte Pasqual+, com capacidade de 8000 sacas de cacau, vendido no rio de janeiro.* Além desta estrutura citada, Caraíva contava com ferreiros, carpinteiros, mecânicos, padarias, armazém, cartório e Juíz de paz. Como dito no relatório, *as terras não tinham donos, e todos cultivavam a roça+(Pag 01).*

Em 26 de Julho de 1948, o relatório diz que ao meio dia houve uma tragédia na qual houve a explosão da serraria matando maquinistas em atividades.

Logo após esta tragédia, os trabalhadores e suas familias foram deixando a cidade em busca de emprego, as casas foram sendo abandonadas e as atividades comercial foram entrando em decadência, mas eles relatam que a produção agrícola e artesanal se perdurava com aquele que ficaram na vila.

É relatado que em 1973 apareceu um tal de Jonas, subordinado ao Senhor Marconis, gerente da empresa de empreendimentos florestais S.A - **FLONIBRA**, que intimidou os donos da roça a venderem, a preço irrisórios, as únicas terras cultiváveis para a companhia que ele representava. Os que resistiam eram reprimidos por policiais, como descrito no documento:

...E o que resistiu, tiveram que seguir o exemplo da maioria, com medo de represálias, que em poucos anos cessou a produção de alimento determinando a situação de miséria e abandono de Caraíva que vive até hoje.

(Relatório, Salvar Caraíva, 1985(Pag 03)).

Como consta na ata da Associação Comunitária, em 1986 a cidade contava com 180 pessoas, sendo homens na sua maioria, que viviam da pesca com canoas de pano, outros trabalhavam pedreiros, praticamente todos faziam trabalhos especializados. Agora a vila já vivia com um pequeno comércio onde vendiam, farinha, feijão, arroz, etc. sendo carente na alimentação os legumes, verduras, que nesse período vai se tornando um desequilíbrio

nutricional nas crianças e velhos da comunidade.

A situação de saneamento básico da vila se tornou precário, onde o abastecimento de água da comunidade é feito de nascentes que existem ao lado posto do rio, jogada para uma caixa sem tampa que existia, servindo todas as pessoas. Com chegada de turistas, visitando a vila e pessoas com intuito econômico, começa a gerar um desequilíbrio de saneamento básico do local.

O Relatório abre uma discussão agora bastante importante que vislumbra o futuro da Vila Caraíva. Os moradores sentaram para discutir a forma de garantir que seus filhos consigam permanecer na comunidade. É nesse cenário que a discussão sobre turismo é abordada como preocupante pelos moradores. O que não fazia parte da rotina da vila, surgia rapidamente. O lixo era acumulado na rua, e às vezes atirado no rio. Não existia o saneamento básico, cisterna, tampouco fossa. A pouca água que existia era retirada dos poços/cacimbas feitas no quintal de algumas casas. Assim, velhos, crianças começavam a adoecer com frequência, o que não era normal para a comunidade de Caraíva.

O Turismo foi chegando de forma impactante, a estrutura da comunidade não conseguia atender as demandas. Na ata criada da época em que buscavam discutir uma solução para esta situação, os moradores solicitavam intervenção do SPHAN, pois entendiam que estavam perdendo o controle da situação.

Nós moradores de Caraíva, solicitamos a presença do SPHAN a fim de preservar a cidade do Imobiliário da corrida irresponsável para a implantação de loteamentos da depredação do meio ambiente, sem respeitar a história do lugar. Caso não sejam tomadas medidas Urgentes a cidade perecerá, de especuladores e indivíduos artística e ideologicamente sem sensibilidade.

(Ata da Associação comunitária de Caraíva, dezembro de 1986).

Em entrevista, Maria, moradora a mais de 40 anos em Caraíva, fala muito sobre este momento. De como os antigos da comunidade tratavam quem vinha visita-los. Imagino a situação que os mesmos estavam passando, em processo de perda, como disse, e agora, na tentativa de reerguer a comunidade, toda a ajuda seria bem-vinda, até mesmo para o resgate do auto estima de todos. Mas, sempre respeitosos, receptivos, eram assim que as pessoas antigas daqui recebiam os visitantes, nas suas canoas, em atividade de casa, as

mulheres com seu fogãozinho à lenha, era a simplicidade batendo na porta do coração dos visitantes da comunidade de Caraíva em 1971.

Carmo veio morar aqui em 1976, ouvindo ela pareceu ser tão rápida e tranquila em vir morar aqui, coisa que fiquei confuso em sua fala, até mesmo por que buscava compreender justamente essa transição de chegada de moradores para a vila. *Então vir pra morar em 1976, cheguei aqui estava do mesmo jeitinho, as casinhas na beirada do rio... então logo ela disse que não foi tão simples assim. Primeiro ela morou de favor. A Haruê, que casou com índio lá do xingu, emprestou uma casa para ela, localizada onde é hoje Nova Caraíva. Ela iniciou fazendo um trabalho numa casa que servia como postinho médico, em frente onde hoje é o Hostel memoã: *era um postinho, com as coisas básicas; algodão, metíolate, ninguém ficava doente naquela época, as vezes machucavam o pé, por que pisava no caco de vidro**

Em 1989, aproveitando o trabalho que fazia na Escola e no Postinho, Duca elabora um censo de Caraíva, buscando obter informações mais concretas possíveis, para junto a isso, ter noção das necessidades e o quantitativo da População de Caraíva. Entre os dias de 16/10 à 20/10 de 1989, foi feito o levantamento de várias informações quantitativa referente aos *factos reveladores*, como utilizado no relatório, sobre as condições da comunidade de Caraíva. Ela utilizou várias fichas contendo números de componentes das famílias, atividade econômica, sexo, idade, grau de instrução e estrutura da residência. No Senso consta o total de 76 famílias, com o total de 329 pessoas permanentes em Caraíva.

#### ESQUEMA PARA RETRATAR O CENSO 1989

<b>Nº DE FAMÍLIAS</b>	<b>Nº DE HABITANTES</b>
76 FAMÍLIAS	329 PESSOAS
<b>SEXO</b>	
<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>
187 HOMENS	142 MULHERES
<b>SITUAÇÃO DO ANALFABETISMO</b>	



<b>ALFABETIZADO</b>	<b>NÃO ALFABETIZADO</b>
<b>75 PESSOAS</b>	<b>141 PESSOAS</b>
<b>SANEAMENTO BÁSICO</b>	
<b>POSSUEM</b>	<b>NÃO POSSUEM</b>
<b>16 CASAS</b>	<b>60 CASAS</b>

Figura 12. Esquema de censo elaborado por Maria do Carmo em 1989



Figura 13. . Da esquerda para a direita, e de cima para baixo: relatório elaborado em 1985. Caraiva no ano de 1970. Planilha, Senso de famílias 1985. Estrutura da Vila antigamente. Mulheres nativas, lavando em atividade doméstica.

### 2.3.POSSES DAS TERRAS CARAIVENSES

Ainda bem que a família de Dn<sup>a</sup> Lice ainda continua no terreno, seu Edinho também...pelo menos isso, porque se não a beira do rio todinha ia está na mão de gente de fora.

(Maria do Carmo, entrevista feita, abril de 2017)

Neste tópico irei expor algumas situações que durante as entrevistas me ajudaram a entender como funcionava este processo de aquisição de novas terras por pessoas recém

chegadas em Caraíva.

Maria do Carmo ressalta, em sua entrevista, que já em 1976 havia algumas especulações na venda de terras em Caraíva. Conta que pessoas foram chegando e se empossando das terras a troco de vendas baratas:

Aqui não tinha nada. Depois que Mascaranha comprou e construiu. Aqui tinha a casa de Dn<sup>a</sup> Matilde mãe do Zé Pará. Tinha a ruazinha, as casas de Dn<sup>a</sup> Fia e a casa de Dn<sup>a</sup> Maria de seu Jurací que era um restaurante, depois o Dante comprou após ter chegado aqui. Tinha um caminho pra praia, aí depois subia, tinha o posto médico, a igreja, tinha essa rua aqui que era da estação que também tinha umas casinhas. Edgar comprou e fez uma casa de forró.

Tinha uma mercearia e um barzinho, agente dançava lambada, então o Danir Francês comprou e fez o Bar do Porto, logo na frente era do Bernardo, ele vendeu para o Claudinho da Carina, que fez o restaurante Canoa e aquela lojinha, eram deles, do caboco e do Bernardo. Alí na esquina onde tem a ONG era do Tiãozinho que também o francês comprou, como também o Geruzan era dono de outra casinha que também ele comprou. Foram vendido um terreno aqui que era da Glaúcia, que estão desmatando tudo, são de duas mulheres do Rio, acabaram com a mata do terreno, e elas vão construir ali.

Aqui atrás tem outro terreno, ali depois do Alírio, disse que o dono vai construir ali, nem sei o que ele vai fazer, eu me preocupo com isso! Que vai fazer o que? Uma pousada, hotel?.

(Maria do Carmo, entrevista feita, Abril de 2017)

Isso mostra como iniciou o processo de compra e venda das terras por parte de pessoas que chegavam em Caraíva. Além disso, mostra que a comunidade de Caraíva estava muito vulnerável ao que vinha de fora. As propostas de compra, a preços irrisórios, conseguiam convencer os moradores a ceder. Zé Marreco conta na entrevista que havia uma forte indução para as trocas de terras por objetos que aparentavam ser de valor. Há histórias que contam que as pessoas de fora chegavam em Caraíva e convenciam os proprietários a trocar sua terra por relógios ou outros objetos de menor valor.

Raimundo José ouviu seus pais e dos mais velhos a história de Caraíva, o sofrimento em

que no início tomava conta da comunidade. Com pouca perspectiva de vida, ser um pescador daquela época não era uma tarefa fácil, um trabalho braçal que exigia disposição para enfrentar o mar, outros em sua atividade de agricultura para que nos fins de suas atividades pudessem fazer uma troca entre os alimentos adquiridos.

Seu Raimundo presencia de perto esta mudança brusca que acontece na vila de Caraíva, após a prefeitura ter entrado na comunidade: *“A Prefeitura já estava fazendo obras aqui, eles estavam fazendo ruas e becos aqui em Caraíva...”* É visto que algumas alterações no espaço de Caraíva começavam a acontecer. Não consegui ao certo tirar esta conclusão nas pesquisas, do que de fato era a intenção da prefeitura naquele período dentro da vila. Visto que seu Zé Marreco e Dona Duca continuavam a dizer que nada até então havia solucionado as demandas deles, continuaram a ficar sem resposta. A melhoria do saneamento básico, (que pudesse conter água encanada, banheiros), uma escola, melhoria do posto de saúde, nada era viabilizado em Caraíva.

Mas a prefeitura estava aqui já fazendo as ruas de Caraíva, logo a transformação agressiva foi acontecendo. Eles não dizem sobre a chegada das estradas, mas se a prefeitura estava aqui, isso com certeza, foi o período em que já iniciava o mecanismo de chegada não apenas pelo mar como também por terra.

As construções foram chegando, novos moradores foram se *“apropriando”* de terrenos, a visitação de pessoas começava a ser frequente. Assim Caraíva começa a ser alvo de pessoas com visão lucrativa, além das que procuravam um lugar tranquilo para se viver.

Seu Zé comenta que ainda hoje resta pelo menos uns 35% de nativos antigos e seus filhos no perímetro de Caraíva Velha, e ressalta sua preocupação com permanência desta nova geração, *“por que se nosso povo não tomar cuidado, vive sempre numa mira de extinção”*.

Ele diz que as coisas foram melhorando, o turismo foi chegando e o pescador já tinha onde vender o seu peixe. Já não apenas trocavam os alimentos produzidos, mas também começaram a comercializá-los. Mas por outro lado, a comunidade continuava com os mesmos problemas de anos atrás.

A especulação imobiliária foi chegando, o pessoal foi vendendo seus terrenos e as pessoas foi se preocupar em colocar seu filho na escola. Mas tinha que ir junto, pois havia muito mortalidade de crianças ainda renascido por falta de assistência à saúde. o pessoal diziam: - Mas isso vai continuar acontecendo. Por que não vai embora para Eunápolis ou Itabela? Então as pessoas iam

acreditando naquilo e iam largando suas terras aqui, indo embora, sem ter o direito de retorno.

(Raimundo José, entrevista feita, abril de 2017).

Mas, se de um lado ocorreu a melhoria na economia do pescador, por outro, acontecia o esbulho das terras de Caraíva. Estes moradores passaram a viver na mira de grileiros, que buscavam usar a fragilidade da comunidade para usurpar sua propriedade. Não sei ao certo até que ano isso continuou, mas, da mesma forma que, anteriormente, os nativos foram forçados a deixar prática da agricultura em suas terras por causa da FLONIBRA, agora estavam sendo induzidos a deixarem o local em que viviam.

Raimundo José relata que quase foram um povo extinto. Caraíva vivia na miragem de grandes hoteleiros. A visão econômica, o crescimento capitalista em Caraíva, passa a ser prioridades para novos moradores do lugar. A criação no ano de 2000, da RESEX Corumbau, os ajudou a manter a postura como nativos novamente, pelo fato de a maioria deles serem pescadores. Eles tiveram uma luz de continuar a sua prática da pesca e sua permanência na comunidade. A organização fortaleceu a prática legal de pescadores nativos do território extremo sul, legitimando o próprio nativo ser o pescador legal de seu território marítimo do local em que vive.

Nossos anciões Pataxó sempre dizem em todas as reuniões que os jovens são o presente e futuro de nossa comunidade Indígena. Sendo assim sempre trabalhamos com objetivo que os jovens possam ter esse entendimento, para que lá na frente possa saber a lutar pela sua terra, pelos seus direitos e principalmente sabendo qual é seu dever em seu território Indígena. Então, perguntei a seu Raimundo o que ele tinha a falar com respeito aos jovens de Caraíva. Ele disse poucas palavras a respeito. Pelo que informou, há um grande desafio com relação a apropriação do Jovem de Caraíva quando se diz à respeito da história desse povo nativo. Ele disse que os mais novos têm tido pouco interesse de se informar dessa história vivida há décadas atrás: *essa é uma coisa que gera muitas dificuldades, por que? Porque vejo o pouco interesse de muitos* diz ele.

## **2.4. O olhar dos mais antigos sobre o Progresso de Caraíva**

Depois o progresso foi chegando e parece que a economia foi melhorando, mas nem tanto, por que nesses meios o progresso traz de tudo, facilita alguma coisa e dificulta outro lado.

(Raimundo José, entrevista de abril de 2017).

Fazer atividade de pequenas pescas e prática da agricultura era o forte de Caraíva conforme a fala de seu Zé Marreco. O convívio social ensejados pelas trocas desses alimentos era constante, até mesmo por que essa era sua única forma de sobrevivência. Ouvindo-o falar de sua história de vida, busquei entender o que queria dizer quando se colocou a os dois lados; *positivo/negativo* da situação Caraíva. Conta que quando já tinham o pensamento do mundo, seus pais e os mais velhos da vila já viviam da pesca, e como utilizavam o método *barganha* para continuar a própria subsistência da comunidade. Como não existia outra perspectiva de vida, a troca era a melhor maneira de negociar.

Mas também a grande importância do progresso é que nós, filhos de pescador, também acabamos tendo a oportunidade de ir para sala de aula, ampliando a educação, como vocês dos Indígenas também teve.

(Raimundo José, entrevista feita, abril de 2017).

Raimundo José esta falando diretamente da chegada do turismo na Comunidade de Caraíva, mas, para chegar a isso, preciso compreender mais sobre esta vinda, de tal forma que possa responder esses dois lados que ele está abordando *positivo x negativo*.

A entrevista da Sr<sup>a</sup> do Carmo, a Duca, me deixou emocionado. Uma pessoa que veio de tão longe que se doou a comunidade para ajudar naquilo que fosse necessário. Através dela consegui obter informações relevantes para entender de como se deu o processo de chegada de novos moradores de Caraíva e compreendendo a real situação dos nativos após a chegada desses outros.

Duca diz que ela foi uma das pessoas que ajudou muito nos trabalhos sociais da comunidade. Ficou alguns anos na escolinha da comunidade e outra vez também no postinho de saúde que existia na vila. Faz-se necessário ressaltar que a senhora do Carmo, após anos de contribuição dos trabalhos sociais, acaba não ficando mais na escola, por que vai chegando um professor novo de qualificação apta a atender as necessidades existentes. Dei aula para as crianças acho que uns três anos assim, até depois, então chegou professor formado, então eu tive que sair. É sabido que logo após isso ela passa a morar numa casa na beira do rio, onde hoje é o Beco da Lua. Era uma casa de duas janelas e uma porta no meio, de uma tal Sr<sup>a</sup> Marta, que por motivos desconhecidos havia ido embora da vila.

A Casa que Duca mudara agora tinha uma estrutura maior, tinha sala, e mais 04 quartos. Segundo ela *“Não tinha pousada em Caraíva, as pessoas vinham ficavam hospedado na casa de Dn<sup>a</sup> Maria de seu Juraci, da finada Dn<sup>a</sup> Maria que alugava um quartinho na casa dela, ou a Eloisa que também alugava, não tinha pousada mesmo”*. Buscando o meio para manter sua vida ali na vila, então ela resolveu usar os quatinhos da casa para hospedar os visitantes de Caraíva. Diz que naqueles tempos muitos mochileiros visitavam Caraíva. Segundo Duca, ela foi a primeira pessoa a fazer uma pousadinha dentro da comunidade, onde ela aproveitava para usar também como restaurante para servir comida vegetariana, atividade que exerce até os dias atuais.

Ouvindo Duca, percebi que não era uma tarefa tão fácil morar em Caraíva, pela necessidade de executar duros serviços braçais para viver. Comentou que passou a respeitar mais a água após ter mudado pra Caraíva, pois lá existiam apenas quatro cacimbas, em torno das quais se ajuntavam todas *“as comadres”*, termo que ela usa para identificar as mulheres que trabalhavam diariamente nessas cacimbas. *“Existiam um jirau<sup>13</sup> onde serviam para colocar as louças lavadas, já lavava as roupas, panelas como também as crianças já ficavam banhadas”*, complementa. Era uma atividade de manhã tarde e noite para poder atender as necessidades diárias.

Para adquirir sua casa, Duca teve que negociar com um tal Sr. Berguinho, que na época *“gerenciava”* os loteamentos em Caraíva.

Então, com esse dinheirinho já fui juntando para fazer minha casinha. Não sabia onde ia ser, mas eu já queria minha casinha, eu não tinha dinheiro pra comprar a casa. Eu até conversei com o administrador da época que era o Sr. Berguinho, que cuidava dos loteamentos das terras aqui, então ele me falou que teria que ter dinheiro para eu ter uma terrinha. E eu sem dinheiro pensei, o que eu ia fazer?.

(Maria do Carmo, entrevista feita, abril de 2017)

Nesse mesmo período Dona Terê também chegava em Caraíva. Ela já tinha seu terreno, e quando viu que do Carmo estava nesta situação, sugeriu que a mesma fosse até o Capitão da Marinha, na tentativa de conseguir um terreno na beira da praia pra ela construir. Foi onde ela assim fez. O Capitão na época era o Mello e, por *“coincidência divina”* termo que ela usa, o Capitão era ex- amigo de faculdade. Ela contou a sua história, seus trabalhos desenvolvidos na comunidade, ele então se comprometeu em nome da Marinha Doar um

---

<sup>13</sup> O jirau é uma espécie de armação de madeira, utilizado para guardar coisas.

pedaço de terra a ela:

Então ele disse: - Escolhi um terreno lá que vou fazer a doação pra você, a marinha vai doar um terreno pra ti. Então justamente no dia 14 de Agosto ele chega aqui. Entra a lancha da marinha aí, e todos ficam se perguntando o que o capitão veio fazer? Pensavam até que ele tinha vindo homologar os terrenos, pois já tinha outros donos de terras na beira da praia. O Dante, o Restaurante de dona marinha, onde agora é o restaurante 700. Ele desceu e foi direto alí, tinha também o de Dn<sup>a</sup> Luisa. Então todo começaram a perguntar a ele qual motivo que levou a está ali, então ele explicou dizendo tinha vindo doar um terreno na beira da praia para a professora Maria do Carmo, foi uma sensação muito grande.

Maria do Carmo, entrevista feita, abril de 2017

Nesse período Duca também diz que a prefeitura também já entrava na comunidade, medindo ruas e becos em Caraíva. Logo após isso ela viaja a Salvador para fazer o registro de seu terreno ao DSPU, que é um documento que a marinha te dá para legitimar que você está de posse do terreno. Sendo assim vai nascendo sua pousadinha, que foi feita de taipa, construída por um mutirão de amigos da comunidade. *“Eu sempre me dava muito bem com as pessoas, até mesmo com os índios que moravam aqui”*, ela complementa, *“Seu finado Bernado, eu era amiga muito dele, dei aulas para todos os filhos dele, o Mário, Marrudo, o Anilson, todos eles foram amigos meus”*

O importante dessa história que acabei de relatar é mostrar que havia uma negociação, que muitas vezes culminava até mesmo em uma doação de terra, a partir de uma relação pessoal das pessoas com os órgãos que cuidavam da área. Essa história serve para mostrar que havia o estabelecimento de acordos, e que aquela terra tinha dono.

## 2.4. Situação Atual de Caraíva



**Figura 14.** Um dos muitos barqueiros que fazem o traslado de turistas através do rio Caraíva.  
**FONTE:** <http://www.ideiasedicas.com/litoral-da-bahia-caraiva/postal-de-caraiva-bahia>

*Ibuí, falei com a Ludmila e tem 630 habitantes até dois anos atrás, aí de lá pra cá chegou muita gente pra morar né...ai não sei mais quanto tem.*



Quando fiz minha pesquisa em Caraíva, Maria do Carmo foi uma das pessoas que me ajudou muito com informações. Foi uma das poucas pessoas que buscou deixar registrado, através de fotografias, relatórios, um pouco da história de Caraíva, para que a comunidade pudesse manter a relação com sua história. Durante a entrevista, ela disse que ultimamente ninguém fez o censo populacional, mas que conhecia alguém que trabalha na em uma ONG que hoje existe em Caraíva que poderia ajudar com dados mais recentes.

Ficamos acordados em ela me dar este retorno por telefone, assim que fosse possível. Após alguns dias ela deu retorno das informações por gravação de áudio. Ela disse que tinha feito o contato com a Sr.<sup>a</sup> Ludmila e que, segundo as informações, constava a presença de 630 habitantes, moradores em Caraíva, no ano de 2015.

Analisando um mapa que encontrei da PROECO, uma associação que existe em Caraíva para tratar das questões ambientais da comunidade, composta por nativos e empresários de Caraíva, descobri que, em relação à infraestrutura, Caraíva conta hoje com 26 (vinte e seis) Pousadas, 20 (Vinte) Bares, incluindo Restaurantes, 08 (oito) hospedagem alternativas, 03 (três) Campings, 06 (seis) Lojas de ateliês, 07 (sete) Mercadinhos/Padaria, 02 (duas) casas de festas, e 09 (Nove) estrutura Físicas Públicas, dentre as quais uma biblioteca, igreja, posto policial, posto de saúde, Central de Passeios ANAC, Ponto de Apoio da secretaria de turismo, entre outros.

Caraíva, conta hoje, em termo de ações para intervenção socioeducativa, atividade da Escola Municipal Caraíva, na qual atende as crianças do Ensino Infantil, a ONG Caraíva Viva, que busca que busca atender crianças de Caraíva com capacitações que visava a intervenção social.

Como se vê, trata-se de uma estrutura bastante inchada, quando consideramos o tamanho do lugar e a quantidade de pessoas que nele habitam.

## **2.5. Caraíva: O Olhar do Nativo para a atualidade**

Caraíva na verdade não aceita e nem tem capacidade de receber o que ela recebe, devido às construções de leitos e a frequência de muitos turistas.

(Raimundo José, entrevista feita, abril de 2017).

Diante da situação de saturação ensejada pelo turismo, seu Zé comenta que os moradores mais antigos de Caraíva têm se cansado do trabalho de lidar diariamente com o turismo, até mesmo por que eles vêm de uma estrutura diferente de vida. Além da população de fora que chegou em Caraíva, existe outro fator que tem comprometido o espaço físico e geográfico, que é o arrendamento desenfreado de casas, que na maioria das vezes têm sido utilizados sem regras, acarretando a produção exagerada de lixo, poluição sonora, desrespeito com o meio ambiente e o sossego da Comunidade de Caraíva:

Hoje tem morador em Caraíva, que tem Pousada e casa de aluguel. Hoje a vila gera uma coisa que não é legal para a comunidade que é o Arrendamento, pois geralmente quem arrenda gera problemas de zelos, e até mesmo converter as casas em tipo de atividades que não do costume daqui. Hoje eu não sei mais quem é dono de pousada, pois o cara arrendou um montou outro nome.

(Raimundo José, entrevista feita, abril de 2017).

Raimundo comenta que para amenizar essas situações ele tem trabalhado muito junto a PROECO. Sempre em reuniões da organização, ele traz como exemplo de solução, a criação da RESEX Corumbau, criada para atender prioritariamente os pescadores nativos de Caraíva e região. Então assim ele também busca transmitir a ideia de que para essas problemáticas é preciso que haja soluções que atendam a comunidade nativa, por que é ela que vai conseguir manter os padrões culturais e ambientais da vila. Com isso ressalta então que superfaturamento da economia precisa estar em segundo plano para cuidar da comunidade de Caraíva.

Toda essa discussão de Raimundo reforça a fala da filha da Duca, Luana, conhecida como Lua. Ela diz que sua mãe é muito preocupada com a Comunidade, e que há poucos dias haviam sido agredidas verbalmente por proprietários recém-chegados, pelo fato de manifestarem sua insatisfação pela forma agressiva em que a elite da hotelaria vinha tratando Caraíva:

Pior que chegou gente agora pra aqui que não está nem ai pra preservar né, só que saber de ganhar dinheiro! ir embora depois do verão e não deixar nada para a comunidade. Ai põe música alta até tarde, incômoda os nativos antigos, as pessoas que não querem aquilo, querem sossego e não pode sossegar, se vai falar é xingada, chamada de dinossauro, como chamaram a gente esse verão, que a

gente fazia parte dos dinossauros de Caraíva que estava se sentindo incomodado. Então, Eu cair matando nas redes sociais, quando falaram isso. Eu disse: - A gente é dinossauro mesmo, com muito orgulho, quem dera vocês tivessem visto o que a gente viu à 40 anos atrás. Foram os que chegaram agora pra cá, que acham que o lugar tem que ser explorado até a ultima gota!, que acha bom que sempre fique cheio! que acha bom que a CVC venha pra cá, Eu não acho. Se a CVC entrar aqui vai destruir tudo.

(Luana Soares, entrevista feita em Caraíva, em abril de 2017)

Buscando respostas, fui buscar informações que pudessem ajudar a compreender esta situação atual. Então vi que existe um Plano Diretor Urbano da vila, que possui várias legislações e regras que tratam da área social, ambiental, etc. Mas por que não estão funcionando? São indagações que visam respostas para ajudar a geração antiga nativa de Caraíva que ainda ali permanecem. A resposta de minha indagação pode estar nas falas das pessoas nativas:

Caraíva na verdade não aceita e nem tem capacidade de receber o que ela recebe, devido às construções de leitos e a frequência de muitos turistas+mais adiante, ela complementa: quem dera vocês tivessem visto o que a gente viu a 40 anos atrás, quando chegamos, Caraíva todo daquele jeitinho! Foram os que chegaram agora para cá, que acham que o lugar tem que ser *explorado até a última gota!*.

(Luana Soares, entrevista feita em Caraíva, em abril de 2017)

Em meio a estes problemas, vejo uma reflexão importante de se fazer: qual é a Caraíva que estes moradores querem ter? Os moradores, nas entrevistas, se preocupam seriamente com a comunidade, com seu aspecto estrutural e social, uma vez que trata-se de uma terra pequena, sem espaço suficiente para sustentar aquilo que os especuladores de fora querem que Caraíva seja, isto é, uma vila de grandes negócios, onde o superfaturamento deve ser a regra.

É preciso refletir justamente sobre o que o cacique velho Tururim disse na entrevista no início este trabalho:

Caraíva tinha muito nativo, ai juntou eu e a comunidade, e resolvemos deixar um pedacinho de terra para Caraíva. Só que

Kayambá<sup>14</sup> é muito ganzumento<sup>15</sup> , e eles foi vendendo seus pedacinhos de terra+. Hoje ali só existe filhos dos nativos, eles ali hoje *andam embaixo dos pés dos outros*, dos ricos que moram fora. Mas eu já falei para eles, vocês eram nativos daqui, hoje em dia não são mais, por que andam debaixo dos pés dos outros, então não é mais nativo.

(Tururim, entrevista feita, Xandó, 25 de Fevereiro,2015)

Tururim, cacique velho de Barra Velha, hoje se encontra com 86 anos de idade. Foi líder na década de 1960, quando lutou e brigou pelas demarcações de terras de Barra Velha. Sempre foi respeitado pela sua forma de agir e conduzir os trabalhos, como vimos no primeiro capítulo. Não foi à toa que Tururim me concedeu essa fala, pois ele viveu todos esses anos diretamente com os mais velhos de Caraíva, como cita nas entrevistas: *os antigos dali é Mané Ganha, Antônio Gordim, finada Chiquinha, Oratim e outros que agora eu não me lembro. Mas todos eram meus irmãos+*

Mas, como vimos, com o avanço desenfreado de construções de pousadas, e com a chegada de novos proprietários na vila, foi sendo alterada a forma de convivência do lugar. A comunidade passa a ser seduzida pela visão econômica de fora, apresentada pelos chegantes empresários.

Perguntei a Raimundo José como ele vê hoje a relação dos moradores de Caraíva com os Pataxó de Barra Velha, uma vez que, historicamente, esta relação era bem forte. Com todas essas mudanças, como é nos dias atuais?

Minha visão ela sempre tem que mudar, pois hoje Caraíva, não agrega mais apenas o índio de Barra Velha, mesmo os que moravam em Barra Velha e que voltaram agora, voltaram com outros costumes, ambições. Isso gera um problema, pois todos possuem sua opinião. Uma coisa é trabalhar com Beto, sua tia, sua Mãe, Nana, outros parentes mais velhos. Outra coisa são outros, que querem da forma que podem achar que tem que ser, e não é assim, as coisas precisam ser discutidas, para que chegue ao bom senso e fique bom para todo mundo.

(Raimundo José, entrevista feita, abril de 2017).

---

<sup>14</sup>Kayambá: Na Língua Pataxohã, que significa Dinheiro.

<sup>15</sup>Essa palavra se refere a pessoas que são muito gananciosas.

O que ele estava buscando dizer é que da mesma forma que Caraíva mudou, a aldeia também teve suas transformações. Barra Velha já não é a mesma que antigamente. Zé destaca que há dificuldades em alguns momentos do diálogo. Relata que Caraíva tem trabalhado para que o Pataxó de Barra Velha também seja contemplado com o turismo, *“Caraíva sempre teve as portas abertas, inclusive tem lei Municipal que só o Índio de Barra Velha pode expor artesanatos na via Pública, mas essa expor tem que ter um limite completa.”*

Investigando esta situação mais a fundo, relatarei algumas experiências que presenciei, durante algumas reuniões na Aldeia Barra Velha, para tratar destes contínuos conflitos entre proprietários de Caraíva com os Indígenas da Aldeia.

Em algumas reuniões, em agosto de 2015, na Aldeia Barra Velha, discutia-se de que forma os Pataxó iriam agir diante das frequentes agressões que vinham sofrendo pela maioria dos empresários e de alguns moradores de Caraíva. As indígenas vendiam seus artesanatos para os turistas nas pousadas, na praia, como também em lugares ao lado na praça da Vila. Isso era visto de forma preconceituosa. As mulheres eram ameaçadas e até mesmo, forçadas a retirarem seu material do local que estavam.

Outra discussão pautada foi em torno das ameaças de retirada do ponto da agência da Associação de Bugueiros Indígenas, que fazem passeios etnoturísticos da localidade da vila para Corumbau e à aldeia. Foi tentado impedir que os mesmos circulassem na rota dentro da vila até a agência para pegar o turista interessado pelo passeio. Essa situação foi abordada com muita gravidade. Os bugueiros ressaltam que muitas dessas oposições estão centradas na pessoa um gringo chamado *Danir Francês*, o qual, como anteriormente, tem várias propriedades em Caraíva. Segundo relato de vários indígenas, ele é o principal sujeito que induz alguns da vila a ir contra as ações dos indígenas em Caraíva.

Sempre os Bugueiros, optaram em entrar dentro de Caraíva, sem hipótese nenhum de ficar do lado de fora da Vila, pois desde do início já ficavam ali, onde estão. Os nativos de Caraíva, nunca foi de reivindicar isso. De falar alguma coisa contra. Muitas das vezes alguns nativos nos apoiam. Do outro lado, ficam os não índios que chegaram de fora. O gringo é o que mais implica. Ele que faz a revolução todinha, e se eu não me engano, demais pousadeiros onde ficam próximo onde o Buggy passa.

(João Cunha, entrevista feita, Barra Velha, 02 de abril de 2017).

Diante das situações, Raimundo, um dos nossos entrevistados nativo de Caraíva, afirma que entende que eles, os moradores originais da vila, estão na mesma situação dos Pataxó, brigando pelo bem-estar e pela garantia de seu território. Ele ressalta que a comunidade de Barra Velha precisa buscar parcerias junto à prefeitura de Porto Seguro e à FUNAI, para que possam construir uma estrutura para os artesões que agrada aos bons olhos do visitante de Caraíva:

As vezes falo para meus parceiros que onde temos direitos temos também dever, preciso garantir o direito e o dever das pessoas que seja branco... quem for. Não por que o ICMBIO dá um apoio pra nós, agente acha que pode tudo? Não. As coisas têm limite, a FUNAI dá um apoio ao índio, que hoje é uma situação bem enfraquecida... E eles mesmo (governo), querem quebrar nossas pernas e acho que estamos no mesmo barco, %~~o~~u acho que temos que entender se unir pois acho que somos os mesmos.

(Entrevista, Raimundo José, abril de 2017).

É visto que há problemas que têm causado desentendimento entre as comunidades de Caraíva e Barra Velha. Com isso, é relevante questionar: o que vem sendo priorizado com tantas pousadas, inúmeros turistas, toda essa movimentação econômica? Seria para o benefício da própria comunidade da vila Caraíva e da aldeia Barra Velha, ou para gerar lucro para os hoteleiros, especuladores e empresários de fora?

A abordagem de parte dos pousadeiros com os indígenas artesãos e bugueiros é problemática, pois nossa luta é para não perder a autonomia de entrada para pegar o turista para os passeios, e o espaço de venda de artesanatos. Essas situações exigem que as comunidades . Caraíva e Barra Velha . entrem em consenso para reorganizar, buscando dialogar para viabilizar a situação ideal para todos. João Cunha comenta que já houve a tentativa de uma negociação. Quando se reuniram para entrar em acordo, no sentido de que o bugueiros indígenas pudessem ficar no estacionamento da Aldeia Xandó, enquanto os proprietários das pousadas buscassem meio de conduzir o turista até lá. Mas ele comenta, em sua entrevista, que isso não funcionou, pois não tiveram uma garantia concreta por parte dos proprietários:

Já houve uma tentativa de uma negociação, em que os bugueiros ficassem no lado de fora, no estacionamento do xandó, e os pousadeiros, mandar os turistas todos para o estacionamento. Mas só que até agora não temos nada firmado, nenhum embasamento, que deixa a gente confortável.

(Entrevista, João Cunha, Barra Velha, 02 de abril de 2017).

A maneira que a comunidade de Barra Velha se posiciona para justificar a autonomia de permanecer com as atividades dentro de Caraíva me faz entender a importância que eles dão para este processo de relação antiga. É a cultura local que a muitos anos vem sustentando o convívio das duas comunidades. Por isso, é importante ressaltar que tanto a comunidade de Caraíva quanto de Barra Velha precisam de fato refletir sobre o rumo que a organização de Caraíva tem tomado, após a chegada de hoteleiros, pousadeiros, grandes empresários para a Vila.

## Considerações finais

O presente trabalho desenvolvido com o tema "Vila Caraíva como Território pataxó", foi produzido a fim de resgatar a memória das antigas lideranças da Aldeia Barra Velha, bem como dos antigos moradores de Caraíva. Abordei as problemáticas existentes hoje, indicando que são centrais para as duas comunidades, buscando assim, sugerir as bases para que busquem se relacionar de forma que encontremos um meio termo para fortalecimento comunitário de ambas as partes.

Essa história foi sendo esquecida no decorrer dos anos, à medida que os mais velhos de Caraíva foram falecendo. A nova geração dos moradores da vila, por algum motivo, foi descuidando desta convivência entre os Pataxó e os nativos de Caraíva. Mostrei que por muitos anos prevaleceu uma boa convivência entre as duas comunidades, convivência essa que, inclusive, levou as lideranças Pataxó a concederem a estes nativos a autorização para morar em Caraíva, já que, como dissemos, tratou-se de uma "locação" - melhor seria dizer "empréstimo" - de um pedaço da terra tradicional Pataxó que permitiu que essas pessoas se fixassem no local onde hoje é Caraíva.



Com o tempo, outras pessoas foram ocupando os espaços da Vila e, com a chegada de empresários . em sua maioria estrangeiros ou gente do sul e sudeste . , os nativos foram sendo retirados da terra, por meio da indução à venda por valores insignificantes. Assim, os de fora foram se apropriando das terras, de forma que hoje são donos da maior parte na área da vila.

A pesquisa mostra que os moradores de Caraíva, ao vender suas terras, foram ficando subordinados ao modo em que os novos proprietários se organizavam. Esta maneira de conduzir o modo de vida da vila, visando atender ao chamado %desenvolvimento+capitalista, acabou levando os nativos a desconsiderar o modelo de vida e bom relacionamento com os indígenas de Barra Velha. No entanto, busquei demonstrar com essa pesquisa que tanto o nosso povo como a população de Caraíva fomos vítimas do mesmo projeto de %desenvolvimento+ e %modernização+ adotado pelo governo Brasileiro, especialmente após 1950 . embora com violências de intensidades diferentes. Em outras palavras, o chamado %Fogo de 51+, tragédia que se abateu sobre nosso povo, foi apenas o começo de um processo que mais tarde iria atingir também os nativos de Caraíva. No mesmo período em que o estado Brasileiro nos retirou de nossa terra para fazer um parque-vitrine para gente de fora, começaram também a abrir estradas e caminhos na nossa região, possibilitando a chegada posterior de especuladores na vila Caraíva.

É notório, portanto, que a população de Caraíva passou a ser subjugadas pelo poder colonial, que levou à expropriação territorial da maioria dos nativos, causando um regime de desenvolvimento que não é interessante nem para eles e muito menos para nós.

## Anexo: Os entrevistados por eles mesmos

### Tururim Pataxó

*Em meu documento, está com 84 anos. Nasci em 1915 no mês de junho. Tudo que meu pai falava eu ouvia, não deixei nada sair. O livro da gente é a cabeça, hoje precisa entrar na escola para saber das coisas, mas eu nunca entrei na escola, não tive esse direito de entrar na escola, aprendi foi com Tupã, que me deu aquela claridade, fui aprendendo devagar. Ouvia os mais velhos falando e fui colocando na cabeça, e hoje estou no lugar dos velhos, Eu e Palmiro. Meu pai chamava Marcelo, irmão de Epifane, minha mãe chamava Armelina Borges, filha do finado Honório, irmã do finado Manoel de Ordócia. Ele gostou dela, botou ela em casa. Antigamente o índio não existia como está existindo hoje né, fazia uma tarimba de vara, engatava um pau para cima e outro pra baixo e já ficava com a jokana.*

*Quem é índio pataxó eu conheço, conheço pelos pais e pelas mães, por isso que estou dizendo, indagando. Hoje em dia tem vários parentes por ai, Imbiriba, jaqueira, aguas belas,*



*Quando eu era pequeno a gente fazia bola de bexiga da preguiça e Tamanduá. A gente enxia a bexiga de ar, forrava com o leite da mangaba. Ai a gente jogava bola.*

*Eu era kitoki pequeno ainda, quando me casei. Não imaginava nada, nós casava mais novo, por que casar mais velho perde a alegria. Tem que casar novo, por que ai tem força no %birimbal+.*

*Minha mãe fazia bijú de mandioca, ralava a mandioca no ralo, e assava na pedra, pegava a lenha, jogava fogo embaixo e cozinhava o que quisesse, o fogo chama Jôopek. Eu sabia falar muito a minha língua, mas agente vai andando, vai esquecendo as coisas. Barra Velha era aquele pedacinho de Nada. Foram tantos funcionários que chegou, que disseram, é Tururim, você é o primeiro Guerreiro que venceu essas terras, então eu Disse, que quem venceu foi Tupã, não fui Eu.*

*Eu depois que fiquei sozinho, vim pra cá junto da minha filha, graças a Deus ela cuida bem de mim, de manhã, meio dia e Tarde.*

## Antônio Fumo

*Minha avó Maria Molata, por que minha avó mesmo era de Caraíva, Nativa de Caraíva ela. Ai o pessoal de limoeiro que chamava ela de Maria Molata que é a tia dessa turma do limoeiro quase tudo deles era tia. Eu era criança e aqui eram poucas famílias, era 10 famílias em Barra Velha.*



*Todo mundo esparramou na hora da guerra né, e ai foi juntando de pouco a pouco e chegou a essa posição. Antes do 51 eram vários grupos de índios aqui dentro do Território mesmo. Iniciava daqui, o Angelin, Boa Vista, Desejo, Majoba, Ribeirão, tudo era grupo de índio, ai tempo de festa eles vinham para Barra Velha. Os feriados eles vinham passar ai e Barra Velha sustentava o São João de Minas onde era aldeia do Vicentin que era meu avô. São João de Minas era uma aldeia grande, ele morreu e ficou pai, ainda alcancei a aldeia ainda lá grande.*

*Rapaz, dói, rapaz, dói, dói, dói, ..... são muitas coisas que os caras falam ai, perê e parará! Os caras já toparam a onça, mas a gente pegou muita luta. Foi muita tristeza... é de dar risada mais a gente sabia a tristeza. Agora diz que Barra Velha tem tanto mandão ai dentro, mas não sabendo de onde começou.*

## José Ferreira



*Olha Ibuí, essa explicação sua, você está precisando para cumprir seu trabalho. Eu posso falar por que eu conheço de perto isso. Conheço de perto por que, quando eu estava ainda criança, mais uma criança assim já crescida! Já entendia e entendo. Foi quando começou esse problema ali, que antes dessa demarcação da Terra de Barra Velha. Daqui a Caraíva na verdade era incluído. Quando eu falo incluído é que na verdade ninguém sabia onde era de índio, onde era Caraíva. Sabiam que era um Território que vivia Caraíva e Barra Velha! tudo dentro né, só que no momento, a gente não tinha o limite sabe. Olha aqui é dos índios e daqui para cá é de Caraíva+*

*No meu tempo de liderança tinha uma liderança de aviso, pois as vezes precisava fazer uma reunião urgente, aí tinha uma liderança só para ir nas casa avisando, aquele cara já era próprio para aquilo. Tinha outros que era para me acompanhar nas viagens que eu fazia, que era o vice cacique. Muitas vezes eu mesmo saia sozinho por que as vezes alguém, não podia ir,*

*ou tinha um compromisso que não poderia deixar de resolver.*

*Meu trabalho era correr atrás mesmo, fazer projetos sentar com os chefes, me sentar com os líderes, fazer o que era mais preciso. Então desse jeito a gente fez um bom trabalho, não ficou muito bom mais deu para a gente trabalhar um tempo e deixamos a aldeia em paz graças a Deus, tranquila.*

*Entrei como cacique, muito antes de 2000. Isso acho que foi em 1975, a primeira vez que eu entrei de cacique, 1975 ou 1970, foi nessas datas assim.*

*O primeiro que assumiu o cargo comigo foi o Manezinho do finado João do Carmo, que ate já morreu. Depois tornaram botar outro, que foi Adalton. Ficou um tempo bom comigo também, depois de Adalton ele saiu e entrou Pisca, que parece que trabalhou um ano e pouquinho comigo de vice cacique, depois de Pisca, entrou Joel Braz, como vice cacique meu.*

## Adalberto Nascimento

Quando eu comecei a virar gente+também, eu já ia também vender piaçava. Nesse período eu tinha uns 08 para 10 anos. Lembro que eu não sabia fazer conta, meu pai pegava uns



caroço de milho e feijão, que trazia de lá de Caraíva e me ensinava fazer conta com aqueles caroço de feijão. Aprendendo a fazer conta para os outros não %lograr+Eu, dizia meu Pai.

Aí quando ia vender piaçava, tinha uma estação velha lá. Eu vendia, comprava as coisas, sentava lá e fazia as contas (sorri).

Para ver se as pessoas não tinha me %logrado+. Ai eu via que estava certo e vinha embora. Tinha uns jegue veio, ae que eu montava e vinha embora pra Aldeia.

E os avós de meu pai já vivia por essa redondeza mesmo. O Pai dele Chamava Manoel Nascimento, só o nome do avô dele mesmo, que não perguntei... não lembro...Ele também não fala no nome do avó dele.

Eu mesmo trouxe uma %isma+ que eu adivinhava antigamente. Aí tive uma catapora, que quase eu morria. Me batizaram em casa, então eu perdi essa adivinhação. Minha madrinha Zeza, tinha fé mesmo,

que quando eles estavam sem o que comer no campo do Boi, ela vinha me perguntar o que eles iam comer, o que ia acontecer no outro dia.

Eu falava tudo pra ela, o que nós ia comer , o que ia acontecer, minha madrinha tinha muita confiança no meu modo de adivinhação. Depois que me batizaram já foi. Não adivinhou mais Betão.

## Cacique Braga

Como fala na história né, desde o meu tempo de infância quando me entendo por gente, eu sempre pensava em um lugar para morar, e quando eu via minha mãe falar que nós tínhamos saído expulsos de dentro da terra pra fora, ai eu me preocupei, eu me preocupei por que nós saímos expulsos, por que o IBDF naquela época expulsou os índios para fora da terra deles.

Então, quando chegou à minha idade de 18 anos, que eu já vinha acompanhando, participando dessas reuniões com Tururim,



finado Alfredo, esses outros mais velhos, Naliomiro, Manoel Santana então quando eu fui me entendendo mesmo com idade de 18 anos eu me dediquei a luta né, a acompanhar eles e acompanhar mesmo, fazer trabalho de Barra Velha,

Todo mundo, é por que dentro de uma aldeia, por exemplo, eu fiz um curso de agente ambiental né, onde se faz para multar o caçador, multar o pescador, multar o madeireiro, o garimpeiro, todo mundo esse pessoal tudo assim né, ai lá eu topei na legislação que tem a preservação e a conservação, a conservação é a que

conservação é a que eles multam os pau morto né que ali tem lei que se eu partir para a conservação dali não é para eu tirar nada.

Eu tenho uma lembrança do meu avô, meu avô ele não era índio, o pai do meu pai ele não era índio, ele era dessa região aqui de cima.

Amãe de meu pai é que era a índia a mãe do finado Epifânio e já o pai da minha mãe era índio a mãe de minha mãe era índia e já era os índios daqui de Caraiva, entre o rio de Caraiva e o rio de Guaxuma, o rio de Guaxuma subindo, então aqui eram os índios o pai de minha mãe, o pai e a mãe de minha mãe chamavam os índios Guairi, por que eram os índios pequenos e do cabelo duro, ai e moreno, e ai os outros chamavam de índios Guairi, e que era tudo moreno assim do cabelo estirado.

## Zé Marreco



*Meu Pai não é de Caraíva, minha mãe sim, que é de Caraíva, pois tem 85% de parentes em Barra Velha, meu pai já vem da região de prado Sr. Raimundo do Rosário Cardoso, 76 anos. Antes era aquela coisa, terra não tinha cerca, ele passou um tempo naquela terra, depois em outra, e por fim chegou em Caraíva na região. Desde pequeno ele já falava pra mim que desde pequeno como ele foi criado por padrasto a economia dele sempre foi a pesca e assim, também se tornei um pescador. 47 anos de idade*

*Minha mãe é bem índia, Maria Bendite Bonfim, de famílias bem forte da aldeia, filha de parteira, minha vó cuidou muito as outras mulheres, morou um tempo em barra velha. A minha mãe, é marisqueira, gosta de fazer costura, pois até mesmo daquela época não tinha como comprar as roupas., então ela gosta de fazer costura por causa disso, até hoje ela gosta de fazer essa atividade. Meu avô era o Romualdo Bonfim, (avó Ídalia de Brito) que gostava de fazer canoa, que trabalhava dentro da terra Indígena onde fazia as embarcações para dá assistência dos pescadores. E deixou até alguns profissionais ae dentro da aldeia.*

## Duca e Lua

*Vim pra morar em 1976, cheguei aqui estava do mesmo jeitinho, as casinhas na beirada do rio, eu carregava água na cabeça,*

*Dava aula na escolinha que era em frente a biblioteca hoje, não tinha escola Municipal do campo, foi feita muito depois.*



*Aí a Edite, Edilza, davam aula e estavam precisando de mais alguém para dar aula aí eu assumir, dei aula para as crianças acho que uns três anos assim. A gente carregava água na cabeça, então a partir daí fui ter o maior respeito com a água, pois eu via a dificuldade que era poder ir na cacimba buscar água, fazer um rolo de pano e pôr na cabeça e colocava o balde, e as comadres daqui carregava água sem nada na cabeça com as mãos soltas ainda, que nem as índias aí que passam vendendo artesanatos, com um monte de trabalhos na cabeça e ainda conversando, como se*

*não tivesse nada. Naquela época havia quatro cacimbas, tinha um jirau, onde as pessoas usavam para pôr as panelas, já levavam os meninos para banhar com balde na cabeça já trazendo os meninos banhado.*

*Aprendi a dançar lambada né, com a lambada a gente fazia apresentação, Eu e o Didi, que é pataxó, filho de dona Gôninha, irmão da mãe dele, Dona Maria. A gente fazia apresentações em vários estados. O material da escola eu conseguia com os amigos em porto seguro, nas papelarias, cadernos, tesouras, massinha de modelar, e a escola era muito carente, as cadeiras eram todas quebradas sabe, meio velho. Não tinha quadro, então fui brigar por um quadro na prefeitura, então a secretária pediu pra passar mais tarde, eu insistir e foi que ganhei a lousa, que trouxe no barco de zé Raimundo que estava em porto.*



## João do Santos Cunha Filho



Tem 24 anos, nascido na Aldeia Barra Velha dia 28 de dezembro de 1992, e criado. Filho de Suriana Braz da Conceição e João dos Santos Cunha. É Professor Indígena, Graduado em Formação Intercultural para Educadores Indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais . UFMG. Atualmente, leciona a disciplina de Física na Escola no Ensino Médio na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha, e Coordenador Pedagógico das Escolas Indígenas Pataxó de Bugigão e Aldeia Xandó.

## Referências bibliográficas

ARAGUAKSÃ, *Plano de Gestão Territorial do Povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas*, Brasília . DF 2012.

CARAVAVIVA, *uma ONG em Caraíva*. Disponível em <[www.caraivaviva.org](http://www.caraivaviva.org)> Acesso em: 09 de Abril de 2017.

CARVALHO, *Maria Rosário Gonçalves*. *Os pataxó de Barra Velha e seu subsistema econômico*. Dissertação de Mestrado em ciências sociais da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1977.

CLAUDIA, Ana Gomes de Souza. Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, concentração em Antropologia na Universidade Federal da Bahia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Salvador Bahia, Setembro de 2001.

COSTA, Christina Rostworowski dos, *O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815-1817)*, Dissertação de Pós Graduação, Departamento de História Programa de Pós-Graduação em História Social Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

PROCESSO FUNAI, Ministério do interior Fundação Nacional do Índio. Assunto: Identificação e delimitação da terra Indígena Barra Velha, localizada no município de Porto Seguro Bahia. MEMO. Nº 553/DGPI.23/08/82

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 6ª Câmara de Coordenação e Revisão (Comunidades Indígenas e Minorias), NOTA TÉCNICA Nº /2001 Brasília, de 2001, Referência: PA 08100.004405/99-96. Assunto: Questões Relativas ao Monte Pascoal e os índios Pataxó. Interessado: Dra. Raquel Elias Ferreira Dodge. Antropóloga Responsável: Ângela Maria Baptista.

RELATÓRIO Eixos para análise, CIMI Leste. Montar o quebra-cabeça da conjuntura Pataxó, Eunápolis, 21 de maio de 2002. Cimi Leste / Equipe no extremo sul da Bahia.

REVISTA Horizonte Geográfico. *MONTE PASCOAL, O Parque dos Pataxó*. Pag. 44-53.